

# Aquiles O Inconstante



Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura

**Agostinho Both**



Agostinho Both é autor de obras literárias e acadêmicas. Participou em diversos livros e revistas de natureza acadêmica, voltados, a maioria, para temas regionais e sobre o envelhecimento humano. Após a aposentadoria, ocupa seu tempo dedicando-se à criação literária. Tem o prazer de escrever romances, contos e crônicas nos quais expressa suas opiniões de maneira muito própria. Possui um estilo livre de preceitos acadêmicos. Sua bagagem de professor e administrador universitário faz com que penetre de maneira leve e crítica as questões do cotidiano de sua cultura. Acima de tudo busca sua forma pessoal, advogando a estética em primeiro lugar.

# Aquiles

## o inconstante





Agostinho Both

**Aquiles**  
o inconstante

Passo Fundo  
Projeto Passo Fundo  
2015

Projeto Passo Fundo

Página na internet: [www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)  
e-mail para contato: [projetopassofundo@gmail.com](mailto:projetopassofundo@gmail.com)

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

**Creative Commons Atribuição-Compartilhual 4,0 Internacional;**

Para ver uma cópia desta licença, visite:

[http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR) ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Revisado pelo autor em: 28/09/2015

---

B749a Both, Agostinho

Aquiles [recurso eletrônico] : o inconstante /  
Agostinho Both. – Passo Fundo : Projeto Passo  
Fundo, 2015.

630 Kb. ; PDF.

ISBN 978-85-8326-162-9

Modo de acesso: World Wide Web: <<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Ensaios. I. Título.

CDU: 869.0(81)-4

---

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364



## Sumário

APRESENTAÇÃO	7
AQUILES, O INCONSTANTE	9
Sonhei meu falecimento	21
Aquiles sonha com Deus	25
Um sentimento indigno assola o homem	33
Meu flagelo	37
Jovens: caminho de velhos	41
Dorotea vê seu herói	45
Aquiles quase cai	49
Um diálogo interessante	53
Um sonho de viagem	55
A terra das paixões	57
Em meio à viagem, meus filhos	65
Fiz amizade com Morel	71
A vida indecisa de Aquiles	77
Sonhos de morte em Guadalajara	81
Voltando para a cidade do México	87
Novamente em casa	97
Repartiram suas vestes entre si	101
Fui erguido aos ares	105
No décimo quinto dia, Aquiles viveu	109
No reino de Deus	113
Minha Maria Madalena	117
Os caquizeiros de Dorotea	121
Um pouco dos homens	125



Tempo de amigos e de inimigos **129**  
A santidade e o poder **131**  
Minha velhice **133**  
Meu lar **139**  
Minha gente **143**  
No reino dos céus **147**  
Manhã sem sol **151**  
Cristo desceu aos infernos **153**  
Amanheceu **157**



## APRESENTAÇÃO

Aquiles, o Inconstante, é a história de um homem atormentado de diferentes maneiras: por seus desejos insatisfeitos, pela pressão do trabalho, pela família, em especial o filho que lhe toma a sala - último bastião de sua segurança, de onde pretendia retomar sua carreira de profissional liberal.

As peripécias do personagem refletem, de forma irônica, a vulnerabilidade a que nos vemos expostos quando os anos se aproximam. E, diferente do herói grego, cujo único ponto vulnerável é o calcanhar, o Aquiles da estória está todo entregue aos ataques da sorte.

Em sua viagem ao México, admira a aventuras de Pito Peres, um personagem local, que não teme a má sorte e vive a vida à larga, exatamente como Aquiles, nosso herói medroso, gostaria e não teve a coragem de fazer. Como, de resto, a grande maioria de nós.



Como um hábil enxadrista, Agostinho movimenta as peças do tabuleiro da criação literária para refletir sobre os desafios que a vida projecta nos prepara e das quais só nos vemos aliviados pelo carinho da comunidade a que pertencemos e o amor de uma fiel e constante companheira, como Dorotea o foi para nosso herói, e cujo nome, não por acaso, significa, presente de Deus.

Não é por certo uma leitura para divertir, também não é para desesperar. É o panorama da vida que Agostinho nos descortina, como o cicerone de Aquiles pelas exóticas paisagens do México. País este, aliás, que encara a morte com desassombro.

A todos, uma boa leitura! Como poderíamos dizer, a todos um boa vida! Eis que tanto uma como a outra podem não ser fácil, mas nem por isso, menos saborosas para quem sabe lhes apreciar os desafios.

Júlio Perez

Escritor



## AQUILES, O INCONSTANTE

As fervuras e as feituradas quando assolam a alma das pessoas podem conter muitas contradições no dito e no feito. O fiel pode ser infiel, o bom pode conter maldades, o verdadeiro, mentiras, o medroso, coragem, o justo, injustiça. Bastaria um pouco de esperteza pra decifrar os contrários habitantes de cada um dos santos, dos justos, dos verdadeiros, dos fiéis, dos bons. Pra provar o quanto as contradições podem se revelar é só realizar um ensaio sob tal hipótese. Não se pode levar a sério as mais confiantes palavras nem o mais arguto professor. O santo pode ocultar um sovina e o pastor, cheio de imprecatórios, pode esconder um homossexual, louco pra dar e receber. As lágrimas de arrependimento podem conter um desejo maior. O momento do flagrante apenas interrompe o desejado.

Atravessar o proibido pode nos fazer diferentes.

Eu, com vinte cinco anos de um casamento bem feito, achei-me premiado por um ataque de testosterona. Jamais havia me passado pela cabeça e pelos hormônios a possibilidade de ficar ensandecido. Afirmaram ser o tal, e por tantos olhos lânguidos



em minha direção, fui me achegando ao pensar renovado. Meus feitos caseiros não mais me faziam reverente. A trivialidade do cotidiano foi fazendo de mim um homem cansado. Meus esforços repetidos, de mês em mês, de ano em ano, eram tão naturais a ponto de se sentir desnecessário. Comecei a perceber, porém, mulheres atentas ao meu viço notável. Não reparas, Aquiles, como te olham? Eu não sou nenhum Alain Delon, nem o Brad Pitt, respondi. Professor desgastado na academia: nada de extraordinário havia produzido. Não é esse o falar. Fui ao confessor. Era o tempo de a alma possuir sua sensibilidade, e o pecado uma medida. O silêncio da casa, coisa repetida. Ri de mim, é o caso de mostrar o pouco que se tem. Tentar ainda salvar o pouco de encanto. Dizia pra mim com força: não te fresqueia, velho! Minha alma tem o infinito, minha mulher, meus filhos e meus amigos. Não vou decepcionar. Alvissareiras as graças femininas, soltas. Nada disso empolgava em demasia. A natureza é semelhante à morte, também ergue sua pata astuta. Como não vingavam meus apelos literários intentaram de verme o maioral dos escritores. O diabo tem de sobra truques e ciladas. Apanhou-me em cheio a correspondente admiração de meus versos e prosas. Ô que belas paráfrases, que hipérboles divinas. Divino é o ser, distribuidor de encantos postos nas palavras e no universo. Do coração para a alma e daí para o corpo se perfaz uma curta distância. A rotina, a indiferença e a mesmice são três pecados capitais. A mente carece de novidades. E lá vieram louças as divas abertas e frouxas, de



amarras livres. O fiel escudeiro, o maior dos protetores das virtudes maritais, balançou. Os mares das águas quietas se fizeram de outra natureza pelos ventos agitados. Nada mais se conteve em suas praias. Mas eis que Pala Atenas, protetora das boas razões, envidou seus esforços. As deusas têm piedade das mulheres e ferem os homens com facilidade. São construídos refúgios de fidelidade eterna enquanto rebentam hormônios de difícil controle. Estes, quando se veem em turbilhões, mal atentam para as promessas. E isto é feito à semelhança ao que se lê em *Contrabando original* de José Martins Garcia, trazido pelo emérito Assis Brasil: *O ano novo não era um ano novo, era uma cantoria igual a de todos os anos. Todos os anos nascia o mesmo menino Jesus depois das mesmas novenas... Todos os anos se semeava o mesmo milho, se bailava a mesma chamarrita, se tosquiava a mesma ovelha... té que Deus viesse com o ponto final.* Não se diz exatamente o mesmo de mim e de minha mulher. Preparávamos, eu e minha mulher, o presépio com piedade. Por mais que dissessem: faz parte do pacote cultural do catolicismo, me comovia todo, dizendo: isso faz parte da minha poesia. O que falam os debochados, não será outro pacote? O mundo não era, portanto, como uma ilha: havia mais novidades e mudanças para aliviar a mesmice. Contudo, os corpos diferentes trazem expectativas contrárias. Em momento algum cheguei às vias de fato. As coisas foram andando, andando e os corações não sabem as medidas certas. Resolvi sofrenar o cavalo que se empinava louco para uma correria.



Confessei contidos desejos. Ao chegar às santas confissões é que foi. O pior de tudo veio em uma reação doentia, pois ninguém sabe o tamanho de uma alma. Se pra Garcia tudo se parecia, dia após dia, tosquiando a mesma ovelha, comer o mesmo chocolate, comer o mesmo milho, ouvir a mesma voz, pra Dorotea, minha amada, os sons da casa eram mais que suficientes. Entretanto, na menor das ameaças em seu repouso afetivo, foi o crepitar agressivo de um fogo movido por vento louco. Espocavam as taquaras, chiavam os verdes, estalavam os ramos secos, piavam as aves desesperadas. Não conteve o soluço e a raiva. Abriu a boca anunciando a traição. Nada acontecera além de conversas e textos pouco literários. Isso você diz, retorquia ela. Falo o bem que me move e a verdade sem rebuços. Assim foi: ela pondo uma vela vermelha sobre a mesa, entre folhas verdes e vermelhas, despertou a soberana fidelidade e a vontade de amar minha casa e seus habitantes. Silenciei a correspondência de textos, confessando minha tentação de escritor. Um silêncio triste e uma raiva incontida dentro dela. Por mais que fossem as brincadeiras de meu hormônio desproporcional e quase final, pouco adiantou a explicação científica. Assim me diz você! Coração de homem tem argúcia. Mente dizendo fidelidades. E a coisa foi mal resolvida. Por dez anos penei por dizer a verdade ingênua de uma tentação. Tentação o que, falava ela. Pura traição. O que fora ameaça, viraram fantasmas terríveis em Dorotea. De tempos em tempos se reavivavam como abutres na cabeça assustada. Repetia-se



recorrente, numa década, a mesma cena de ciúmes como se ali estivessem vivas as mulheres inexistentes. Eu nem mais lembro o nome, repetia. Novamente vinha a mesma ladainha você disse, você disse! Falei, repetia, falei com duas mulheres, de uma apreciei sua conversa simples e com outra mal falei. Quer ouvir mais uma vez. Narrava, então, a história de dois monges ao passarem por um rio. Um deles apiedou-se de uma moça. Tomou-a nos braços e a transpôs. O outro, passado mais de ano, lembrava a irresponsabilidade do transportador. Mal lembro de quem me falas, respondia o santo homem. Mas eu lembro, dizia o monge acusador. Assim te portas semelhante ao monge, mulher! Nem mais sei das moças.

Outras vezes, vindo velozes os fantasmas, mostrava sua compulsão, o pânico antigo. Vês demais e me irritas. É, mas se fosse eu ter esse papo com dois homens. Admiraria tua resistência, brincava. E se hoje você tivesse as mesmas tentações? Comerias as duas. Aí teria razão a tua raiva. Agora basta. Até a próxima vez. E lá se iam os dois: eu de integridade afetiva e ela me olhando nos olhos, desconfiada.

Depois de vastos anos de fantasiosos litígios, resolvi brincar pra me aliviar. Que não seja doença este medo feminino do passado! Seja então um amor desmedido, tão elevado como as montanhas do Sinai, onde Deus trovejou à vontade. Aí reside o testemunho de uma alma tímida, mas decidida a não abandonar a infinita amorosidade, a erótica escaldante e os mistérios fundos de uma alma promissora. Assim se vê o



inesgotável, a virtude absoluta. Então, brincar com o infinito humanizado e crente de uma certeza: é possível um amor tão terno como o maná no deserto e as codornas entregues à fome dos hebreus. Deus sobrevoa teu coração infinito, ó mulher, e não arredas pé dessa insolvente demonstração eucarística. Minha divina mulher! Amém.

Postas estas palavras, fui ter com amigos para discutir o assunto em pauta. Não acreditaram no tamanho das proposições. Ri, dizendo: tais acrobacias de amor não são pra qualquer um. Os amigos, sentindo a inferioridade, fizeram de menos da grandeza propalada. Chateei-me da descrença de minhas práticas amorosas. Falei, então, de uma história lembrada em Santiago do Boqueirão.

Um ventríloquo, desempregado de um circo falido, se comprazia, pra alegria geral da molecada, em ventríloquar com seus bonecos. Nos dias de chuva fazia quantos bonecos pudesse, todos a exemplo de suas espertas criaturas. A arte de ventríloquar é que não se vendia. Alguns bobos, que desse mundo andam cheios, compravam os bonecos crentes no poder das estranhas criaturas. Ao levarem para suas casas solicitavam a que falassem. Não falavam, pois faltava a palavra escondida. Decepcionados, guardavam seus quietos bonecos. Assim é. Não basta ter todo o instrumental para o amor, há que se ter virtude pros bonecos falarem. Alguns se calavam por não entender, outros por entender. Trocavam de assunto. Faziam de conta que a política, e os acontecimentos da vila tinham mais composições



e bravuras. Pra eles aquele amor de um homem e uma mulher era pura conversa. Até eu duvidei de minha fidelidade.

E pras gentes tudo se avoluma com a dita imaginação. Todos repetiam: aquilo que é amor! E eu dizia:

-- Doro, querida, tu sabes que eu te amo.

-- São Pedro também jurou e traiu.

Fiquei perturbado.

Pouco se precisa pra se criar um mito. As bocas se avolumam pelos desejos de se ter alguma beleza a mais nesta vida. Ria-me da fama, escondendo as luxúrias e as muitas implicações. Deixem que pensem, deixem que falem, imitava uma canção. A verdade é coisa complicada. Uns pendiam pra minha fidelidade, dizendo: Doro vê coisas. Todos conversavam em tal amor, quase divino. Não vou desmentir a crença de um amor imaginário. Se assim dizem, talvez imitem as cenas de um amor perfeito. Esta vida é um circo de bonecos. Lembrava também os discursos entre os dois maiores loucos da história ditos pelo ventríloquo Cervantes.

-- Você entende o que estou falando?, perguntou Quixote.

-- Estou, meu amo! , respondeu Sancho.

-- Estúpido! – retrucou Quixote, se nem eu entendo o que estou falando.



Mais me ria da história amorosa. Nem eu entendia, ao certo, da sobrevivência do amor tão terno e difícil, sublinhado como extraordinário pelo imaginário popular. Assim é com tudo que é sagrado: sempre maior em relação ao acontecido. Tudo se constitui numa fábula esperançosa. Pois que seja e assim vivamos, fazendo uma força danada pra fazer falar os bonecos alegres que somos. E quem sabe dizer exatamente a realidade? Perceber tem filtros. A gente olha e diz alguma coisa. Ao dizer não se diz a intenção. E a intenção também não corresponde ao que foi percebido, tampouco ao que foi dito. Todavia, a gente se diverte. Tudo semelhante aos bonecos. Parecem falar e não falam. O que dizer então quando as forças humanas da memória, do movimento, da eroticidade começam a não mais acudir. Bem, então se formata um novo capítulo no amor. Os bonecos alegres já não falam mais, pois a força original não se revela mais tão inebriante. As brigas entre os amantes dão lugar à sobriedade das falas. Uma ternura meiga começa a se revelar como nas despedidas. Então os amantes passam a ser cuidadores.

Me divirto ainda mais sobre a fragilidade: se diz, então, que à sabedoria sobrevêm um amor calmo, misturado ao medo de perder. Não é ironia, tampouco cinismo. É um riso sincero para não esmorecer a boa vontade de viver. Imitar a natureza e fazer dela uma interpretação menos rigorosa faz bem, pensava. Vejo em meu nome reproduzida a história do herói grego, Aquiles. Na fantasia era o filho da deusa do mar e do rei dos



mirmidões, os valentões. A mãe, ao nascer, para evitar que fosse surpreendido pelas ciladas, banhou-o nas águas dos infernos. Assim fazendo, tornaria seu filho inviolável. Ao afundar o filho nas águas fundas, segurou o piá pelo calcanhar, tornando-o vulnerável. Assim aconteceu de uma seta atingi-lo na parte sem proteção, mostrando a inteira mortalidade de quem tinha quase tudo para não morrer. Imagine só, então, costumava refletir, o que sobra pra mim. Nenhuma das minhas partes foi banhada em águas protetoras. Sim, fui batizado como cristão, mas me garantem ser apenas um reforço para salvação da alma. Tudo em mim se desvanece facilmente. E vejam: forte por um tempo breve, entre os quinze e os sessenta. Depois as partes começam a ruir, não carecendo de grandes tempestades pra casa cair. Nestes termos precisei as dificuldades afetivas e sociais. Ri por lembrar o médico procurado pra fortalecer os hormônios da virilidade. Procurando forças descobri um câncer se desenvolvendo numa das partes frágeis. Por sorte fui ver o silencioso companheiro da morte, antes que a seta me varasse por inteiro. Se ele morreu pelo calcanhar morro eu ainda pelas tripas. Apelei para a ciência e a um ministrador de cortes certos. Entre buscado e achado, assustei minha mulher. Ainda assim, sensível, irritei-me antes do hospital. Os fantasmas não respeitam os vivos. A palavra câncer vem de caranguejo. Vi de perto o caranguejo comilão. Vi, *muy cerca*, as preocupações femininas. Mais que em Aquiles, minha deusa providenciou os exames. Deixou de lado um passeio para aguilizar a matança do devorador. Pintaram de



nanquim o famigerado pra não errar o local do corte. Voltei-me para os amigos avaliando melhor a preocupação feminina em torno da morte anunciada se, acaso, não se decepasse a cabeça do animal e seus tentáculos. Um deles, rindo, dizia: deixa, Aquiles, cuidaremos de tua fortuna. Outro: nada faltará pra tua mulher. Tudo se escondia em duplo sentido. Me ria junto sobre as demandas amigas. Por ver tanta preocupação da esposa, aguilhoado pelos amigos, comecei a pensar. Não é por nada que me sobrevieram dois sonhos: montanhas de peixes, mas não me pertenciam. Outro mais ameaçador no qual se gritava: esta terra tem dono e eu desfalecia cansado de lutar. Era eu ou Sepé? Sonho é assim aparece uma coisa, querendo dizer outra. De dia também me arvorava em pensador: tanto cuidado por mim, tanto zelo e dedicação! Será por amor ou, afinal, quem cuidará dos troços que se tem. Junta aqui, junta acolá, por pouco que seja, tudo merece cuidado. Nesta terra de um governo ladrão, se não se cuida levam até as cuecas de tanto imposto. Me sentia todo vulnerável. Dorotea, a querida, por mais inconstante que fosse, colhia minha frágil companhia.

Se eu pudesse voltar no tempo, aconselharia Aquiles a usar coturnos. Sempre tem um Páris, o matador de Aquiles. Bem que ele me diria: não se queixe, o teu médico é bom no corte e na costura. Fiquei, então mourejando a cabeça, arrependido de pensar mal dos cuidados de minha dama e confiar na sinceridade dos amigos. Por vias de dúvidas: seguro morreu de velho. Lembrei de uma pequena anedota medieval:



Um guerreiro foi à guerra, deixando o cinto da castidade de sua esposa a um amigo de confiança. Depois de alguns quilômetros viu uma nuvem de poeira, vindo em sua direção. Era o amigo de sua confiança montado num cavalo: Você deixou a chave errada!

De tanto ver misérias desconfiei de minhas verdades.





## Sonhei meu falecimento

Os sonhos possuem verdades a serem decifradas. Sonhei de haver morrido, sentindo muita dor por deixar a casa, incluindo o assoalho. Como demorasse pra sair, perambulando sem destino certo, minha mulher atenta ao inarredável, falou: não quero dizer nada, mas o carro fúnebre está esperando aí na frente. Mais que tudo, senti deixar a casa. Acho que adoeci por vê-la assaltada meio ano antes. Foi assim a dura sorte de minhas despedidas.

A bem da verdade, nada se pode saber do tamanho das perdas. Ou seriam os deuses me castigando? As maiores perdas somente são sentidas quando chegam as consequências pra dizer do tamanho da ausência. É bem isso, a gente somente sabe o valor das coisas pelo estrago. Por mais simples que nos sejam as nossas vestes, o seu valor é medido se ficarmos nus na estrada. Por certo, eu ficaria tão abatido na solidão do infinito, pois aprendera a ver tudo pela narrativa dividida com minha mulher. Por mais de quarenta anos me vesti por sua alma. Me



sentiria nu no infinito, embora pouco teria a mostrar, além de uma alma penada por não saber o que fazer sem o som de minha boca e da mão que acariciava.

Busco a explicação da dor. Tudo o mais que havíamos praticado, o mais intenso, o mais palpável era a casa. A minha dor era tamanha e insuportável. Que partisse o quanto antes. Doía o rompimento de uma realidade feita com ternura. Os falecidos, dizem por aí, penetram nos interiores dos corações. Ficam aí levantando telhados pra espiar como se dão na sua ausência.

Morrer é perder sua casa e o resto é consequência. A morte pode apenas ser um falecimento, pois nada se conclui. Tornei-me mais vivo se é que viver é andar por aí de um lado para outro, parecendo ser esta minha sina. A ausência revelou o inesperado. A morte é como uma pedra na água: primeiro, ondas maiores, aos poucos, porém, apequenavam-se e, por fim, o lago sereno. De todo jeito, isso vale uma crônica dos sentimentos, pra reforçar o quanto a casa é parte da vida. Por melhor que sejam eles, não se prestam permanecer. Quem nos aponta pra isso é Steinbeck. Quando, em Salinas, vinha o telegrama no qual a pátria agradecia pela vida de um dos filhos, havia lágrimas e clamores, dores e consternação. A seguir se perguntavam: e sofreu? Consolavam-se por saberem que a bala não deixara o rapazinho gemer. Dias depois se orgulhavam por terem um herói na família. Mais uns meses, tanto a dor como a glória davam lugar aos movimentos do cotidiano. Somente as



mães sentiam falta de abraçar e de dizer “meu filho”! Seus seios e seus ventres não as deixavam consoladas, uma vez que haviam trabalhado em vão. Os sentimentos tendem a esvanecer. Aqueles das mães, entretanto, são mais confiáveis. Por conclusão, nesta breve crônica dos sentimentos, pode-se dizer que somente aqueles sentimentos que nasceram de marcas contundentes e duradouras é que se arvoram no direito de permanecer. A minha casa era a marca mais funda em mim. Pra Doro a casa é pouco, pra ela sou mais, e, sei, ela não põe em mim toda a fé. Não foi por isso que viu o carro fúnebre parado em frente à minha porta? Ou seria eu a me punir em sua boca. Pois, pois, adiante verei a minha pouca fortaleza.





## Aquiles sonha com Deus

Foi-me de um tamanho o susto, jamais sentido, quando carregavam meu corpo de cima para baixo. Lembrei-me da catequese infantil, dos míseros pecados, bem como das duvidanças sobre Deus e o Diabo. Haveria de saber agora! Havia serenidade como jamais houve. Podia pensar por razões divinas: meu pobre ser falecido não poderia receber o pior fim, já me haviam retirado a palavra humana, pior, os sentimentos e a reciprocidade com quem convivia, dividindo assoalhos, janelas e opiniões e tantas ações agora silentes e mal lembradas. Vi nitidamente Deus até num sabiá de papo roxo. E quando estive por ver de perto a sempre improvisada vida, estendi minha visão para fora da cama. Apenas sonhara.

Pensei com maior clareza. *A las pitocas*, quando estive a ver Deus em árvores, gansos, pedras e nas altitudes, tive de acordar. De fato, não tenho sorte. Nunca estou onde deveria estar. Nem bem terminara o pensamento, quando Dorotea cutucou-me.



-- Não tem vergonha de andar ainda sonhando? Desse jeito não vai passar no concurso, nem aqui nem na China.

-- Que concurso?

-- Pra delegado!

-- Não é pra professor?

-- Pode parar, cansei!

Dorotea, inconformada, com a postura preguiçosa, mandou-me às favas.

-- Vai pra rua que aqui você me cansa!

Aí me fui até a casa dos meus pais e assustei o velho Afrânio. Este sentiu engulhos por saber de minha história. Seu filho fora um homem trabalhador, mas tudo se reduziu às águas mornas com peixes mortos. A mãe, entristecida, recebeu a notícia da nora sobre a sua moleza de espírito.

-- Aquiles, meu filho, quando tu vai tomar jeito. Nos últimos tempos você parece um galo tonto!

-- Acho que é isso mesmo, mãe! E o pior que não sinto remorso de nada. Até parece ter nascido assim.

-- Você sabe que não. Tens um filho engenheiro e outro quase médico. Você anda nos teus cinquenta e cinco. Não vejo razão de não fazer o concurso. Se perdeu o emprego, tem outros a esperar por ti. Você sofre algum tipo de depressão. Ou te



persegue uma síndrome de pouca valia?

-- Parece verdade... Vejo tudo como se fosse cinza.

-- Vê se acha alguém pra te ajudar. Mãe pode dar amor e coragem, mas quando o filho perde o gás, acho bom procurar outro remédio.

-- Deixa pra lá, mãe! Vou andando por aí. Espere... de repente uma nuvem benigna revoe sobre mim. Tchau!

Mal pronunciara as palavras, toca o celular.

-- Vem pra casa!, ouvi Dorotea.

-- Pra quê?!

-- Preciso de ti!

-- Pra quê?

-- Tá vazando água no vaso! Vem logo que a taxa de água vai sair cara!

-- Vai até o registro e fecha!

-- Onde fica?

-- Acima do vaso.

-- Espera um pouco!

-- Não consigo!



-- Torce o cabo da válvula pra direita!

-- Também não cosigo.

-- Então vai lá fora e fecha o registro da rua!

Desligamos os celulares sem despedidas. Corri pra casa. Não pela água, mas por Dorotea. No meio do caminho ela liga.

-- Acho que consegui desligar o registro da rua.

-- Meus parabéns!, respondi com certa ironia.

O acidente me despertou da letargia.

Que vida que eu levo, Refleti ao entrar na primeira igreja. Que faço de mim? Certa feita escrevera: me sinto solicitado a pensar sobre as contradições humanas. Escrevo não para me sentir triste, mas, pra, numa espécie de clareamento, buscar destino melhor. As afirmações são particulares, pois nem sempre se pode servir aos outros o que é servido a si próprio. Cada qual possui sua própria digestão, uma diferente organização estética de si mesmo. Como o interior das igrejas possui sua personalidade, geralmente grave e solene, assim os seres humanos apresentam sua forma de ser. Nem a todos cabem ruídos mundanos, a exagerada alegria de uma festa, ou a austeridade de um mosteiro. Se para Kertétz a história de sua vida é a das mortes, para outros a vida pode conter a história de diferentes vidas que se expressam incansavelmente. Se nas mortes judias são reveladas as diversas faces da perversidade



humana, pode haver na vida de uma só pessoa as inesgotáveis faces do encanto e da ternura.

Pela lembrança, emendei uma reflexão. Estou ruindo como um velho templo. Refleti um pouco sobre um conto de Rubem Braga: sou exatamente como um Deus decaído: um diabo que se achava. Na quietude só faltava ver o diabo sentado ao meu lado.

Iniciou-se dentro de mim um diálogo entre duas entidades imaginárias: Deus mais ou menos onipotente; a outra, um pobre diabo pedindo esmolas de tão miserável. Deus, brilhante em seu esplendor, olhava meio debochado o infeliz demônio. Falavam de mim.

-- Quem é esse aí do meu lado?, falou o diabo.

-- É um cara meio desiludido. Já não tem com quem conversar, por isso se meteu aqui pra ver se eu faço um milagre.

-- Pobre homem!

-- Semelhante a você!

-- Como?

-- Por andar lento, tomou uma refrega, parando no inferno.

-- Que refrega?

-- Por andar meio velho, perdeu o emprego.



-- Mas não dizem que é aí que o homem fica sábio?

-- Não é o que pensam as grandes empresas. Elas preferem carne jovem!

-- E agora?

-- Está como você! Mais perdido que cusco em procissão!

-- Nossa!, que conversa pouco reverente sai de sua boca, Senhor.

-- É só pra ver. Fiquei ultimamente desse jeito. O meu absoluto ficou menor!

-- Voltando à boia fria. Ele vai ser contemplado por um milagre?

-- Estou pensando sobre o assunto.

Nisso começou a adentrar gente. Voltei então à realidade.

Toca o celular

-- Consegui!

-- Conseguiu o que?

-- Fechar o registro da rua. A água parou de sair.

-- Secou a caixa.

-- Está bem.



Por um tempo ainda, andei a esmo. Por fim, não tendo pra onde ir, retornei para casa. Abri o registro da rua. Esperei a caixa encher. A mulher, irônica, falou:

-- Se o amor despenca e o trabalho se foi, ao menos em casa tem serventia.

-- Muito animadora! É fácil falar pra quem está empregada. Me sinto partido em dois e você aí exigindo que esqueça. Amanhã mesmo vou me inscrever no concurso pra delegado. Me tiraram das aulas por questão de economia. Era o menos titulado e lá me fui águas a baixo. Sinto, é verdade, um grande mal-estar.

-- O que não dá pra aceitar é um homem andando dentro de casa feito um zumbi.

-- Concordo. Que vou fazer se assim me sinto? Mas deixa que vou espalhar meu currículo por aí. Talvez um empresário possa ter compaixão de um semi-velho ou semi-novo, como queiram.

-- Você me incomoda desse jeito. Fala como um derrotado.

-- Assim mesmo, respiro. Me esqueça. Vou dar mais uma passada no material das provas.





## Um sentimento indigno assola o homem

Dorotea foi a primeira a saber o resultado das provas. O nome de Aquiles não fazia parte da lista. Chorou por ele. Ao chegar em casa ela deu a notícia.

-- Acho que meu perfil não correspondia às exigências daquela profissão. Não tenho mais a agilidade de investigador, nem estômago para crimes.

-- E o que pretende agora?

-- Vou saber do resultado de meus currículos espalhados nas empresas. Pelo menos uma poderá precisar de meus dotes. Afinal, poderei advogar em favor dela.

Foi bem um ano de espera. Neste período estive cheio de vergonha de mim, escrevi. Quando me perguntavam o que fazia, mentia: me preparando para o concurso. Dava graças aos céus por não me perguntarem mais nada. Mas para não ficar definitivamente um zumbi, comecei a fazer anotações em meu diário. Achei até levar jeito em desabafar ou contemplar



o mundo em suas recorrentes realidades e novidades da natureza. Comecei a prestar atenção em meus filhos. Afinal, poderiam me ajudar nesta situação. Viver de favor não é fácil. Em novembro esgotaram minhas economias. Comecei então a ganhar um dinheirinho auxiliando alunos nos Trabalhos de Conclusão de Curso. Fazia quase tudo, pois me apareciam alguns alunos quase analfabetos. Pensava então sobre o futuro profissional dessa pobre gente. Me afeiçoei a um deles, o melhor de todos. Esse levava jeito. Parece ser verdade: alguns nascem com talentos bem postos. Foi o Aureliano quem solicitou sobre minha profissão.

-- Ex-professor!

-- Meu pai tem uma banca poderosa, não quer falar com ele?

-- Deixei meu currículo no início do ano na banca de teu pai.

-- Deixa-me ver. Vou falar com ele.

Passou-se pouco mais de mês. A alegria retomou meu corpo inteiro. Engraçado, me senti o próprio dom Quixote. Ora, ora, por fim uma boa notícia. Fui, então, todo apurcado até a conceituada banca do pai de Aureliano, Epaminondas. LEX EST LEX, espalhada por vasta região do sul do país. Voltei embracando um feixe de processos. Assim foi de dezembro a março. Vacas gordas. Era, porém, um trabalho sem carteira.



Aprendi a ser econômico. Não sonhei como José sonhara no Egito, mas me prevenia para os tempos das vacas magras e os feixes de trigo rareavam também. Curiosamente as demandas diminuía. Assim eles vão dispensar meus serviços, cogitava. Desse jeito voltarei a ser poeta. Não deu outra. O próprio Aureliano me comunicou.

-- Professor, os tempos estão difíceis. Já não temos mais processos.

-- Agradei o tempo das espigas fartas.

Me impressionou o quanto Dorotea se abateu com o fato de eu ser dispensado. Me valeu uma reflexão: as mulheres estimam muito um trabalhador produtivo. Mais amam no homem o poder de proteção que o da sedução. A insegurança deixou-a abatida, deixando-me culpado. Brinquei com meus botões: Aquiles cai pela terceira vez.

Já se ia mais uma estação. O clima estava frio. Não havia jeito de afastar a gatura do corpo. Metia palavras no diário, mas não dava conta da infelicidade. Andava cansado e promovia em mim uma ideia de pôr um escritório de advocacia. Vou mostrar a minha toga.





## Meu flagelo

Pôs indiscreto no seu diário: Puta merda, só de me lembrar os dias nos quais se decidiam de meu afastamento, me dá engulhos e uma raiva devastadora me devora. Tornei-me igual a um Cristo flagelado, semelhante em tudo a Blau Nunes no dizer de Lopes Neto: *E assim, por este teor, as coisas corriam-lhe mal; e pensando nelas o gaúcho pobre, Blau, de nome, ia, ao tranquilo, campeando, sem topar com o boi barroso.* Eu, em nervosia, campeava melhor sorte profissional. Mas, qual o quê?

Farpas se punham em minhas carnes, tantas palavras se diziam de mal sobre minha pessoa. “Não fez mestrado e doutorado porque não quis. Agora que aguento as consequências.” Diziam assim como se fosse um nada ir até Porto Alegre ou Santa Cruz. Não vou aprofundar minha impossibilidade, todavia, não via razões de não dar conta de minha disciplina: o direito das coisas. Sei bem o meu valor! Os alunos me estimavam. Dizem ainda: aprendiam muito com minha metodologia. Me veio uma ideia muito desagradável. Pelo jeito de me avaliarem e a meus colegas sem doutorado, posso pensar numa figura para ilustrar



a realidade perversa: os professores podem ser divididos entre os ph.Deus e os protozoários. Eu me sinto um protozoário e como tal sou avaliado. Trabalhei numa empresa e por não querer ter dedicação exclusiva me deram os trinta. Agora aqui, um professor desnecessário. Não culpo meus colegas por ser tratado como protozoário. Fiquei indeciso entre uma coisa e outra. Não possuía, por direito, nenhuma nem outra. Confiei na sorte. E o pior lugar para se esperar pela sorte é nas relações entre pares. Me danei. As chicotadas vinham de olhares. Me doeu quando Afonso, ao final da arquitetura, me perguntou sobre o fato de não ser mais professor. Expliquei as normas universitárias relativas à titulação de professores. Ele foi gentil, mas seu olhar mostrava um inquisidor. Outras chibatadas vieram de Dorotea: Te falei pra decidir entre uma coisa e outra. Desse jeito vai ficar sem nada. E fiquei! SPLATSCH na minha autoestima. Os encontros sociais com meus ex-colegas me doíam por demais. Não tinha como não ver os olhares de comiseração. Fiquei exangue por muito tempo. Enquanto minha mulher ia ao trabalho eu ficava na porta. Vagueei depois dentro de casa e comecei a intentar uma solução. Sou um tanto confuso. Me perco nas decisões. Foi assim entre o magistério e a empresa. Agora estou novamente indeciso entre participar de uma pequena banca de advocacia ou aprofundar minha competência ajudando os alunos formandos no trabalho de conclusão.

Pois bem, briguei com Dorotea. Ela falou que essa história de ajudar alunos dá em nada. Respondi: você parece a Eva



entregando uma maçã para Adão, envenena meu futuro. Ela, então ficou furiosa. Que merda, Aquiles! Houve um Aquiles de calcanhar sensível, mas você parece estar todo vulnerável. Ri da comparação e ela se intrigou mais, achando estar debochando dela. Cada um foi para o seu canto. Ri, então, sozinho, por lembrar um dito do antigo testamento. Quando a mulher estiver de tez irritada, deveis fugir para o deserto. Como não tenho deserto, não sei pra onde ir.





## Jovens: caminho de velhos

Existem milagres, sim! Eles acontecem quando se reúnem circunstâncias pra deflagrar fatos de deixar qualquer vivente de boca aberta. Existem milagres físicos e outros de toda ordem. No meu caso foi a reunião de pessoas: de um lado eu com fome de encontrar uma saída e do outro, alguém sensível pra com um senhor de idade, desiludido. Bem que o Deus Momo tinha razão ao criticar a criação de Zeus: os homens deveriam ter o coração fora do peito pra se saber com quem a gente está lidando. Edmundo, filho de um funileiro, remava na barca de sua banca. Fora também meu aluno, acreditando que todo professor faz lá seus milagres. O milagre foi dele. Me pediu, com humildade, pra trabalhar em sua banca.

-- Espero, Dr. Aquiles, me aprumar bem na advocacia. O senhor inspira confiança e, por isso, quero fazer com o senhor uma parceria.

Se eu tivesse o coração fora do peito, acho que ele não confiaria TANTO em mim, depois continuou.



-- Todo juiz ficará encantado com a clareza de nossas posições face às nossas defesas. Duvido que haja alguém que saiba mais do que o senhor sobre o direito das coisas. Todos aprenderão a avaliar bem o que pertence a cada um, seja o que advém do trabalho seja do que lhe pertence. Cada coisa pede pelo seu senhor. E nós mostraremos tudo o que é devido aos nossos clientes.

Ao sentar no escritório, me senti semelhante ao momento no qual Dorotea dirigia-me seu olhar pela primeira vez. Lembro bem, ela correspondeu. Então fiquei maior. Dia seguinte me senti o tal, ao me beijar como se eu fora um Brad Pitt. Por aqueles dias que o Senhor fez para mim, caminhava pela rua como se eu fosse o próprio Lincoln mandando ver a quem não quisesse os negros como irmãos. Os pássaros se enchem de vida na primavera. Foi bem assim que me via ao concluir a primeira petição no escritório novo do Edmundo. Confesso, me senti um pouco envergonhado, por me sentir assim. Eu comemorava sessenta anos e fazer o que fazia deveria ser uma tarefa corriqueira. Até meu estômago parecia ter feito as pazes comigo. Fui para casa como um profissional. Me dei conta da história: que coisa, um homem entrando na velhice, já podendo aproveitar o estatuto do idoso e ainda não ter conquistado um prumo seguro no trabalho. A sensação de não carregar mais o peso de não saber ao certo pra que serve, foi uma conquista tardia. Lá se ia o ônibus na direção de minha casa. Poderia encarar Dorotea de cara limpa. Lembrei-me, por acaso, de um



ditado húngaro: hoje vou fazer meu cachorro feliz, não vou bater nele. Bem assim me sentia: de bem com a vida.

Quem olhasse pra mim daquele jeito: livre de qualquer inutilidade, um homem necessário, poderia pensar: ele está carregando um peso da cruz de Cristo, mas surgiu alguém para ajudá-lo. Parece isso mesmo. Edmundo foi o Simão que vinha de Cirene, de um lugar onde hoje está a Líbia, vinha de longe. Ajudou a levar a cruz, aliviando a fragilidade de Cristo, semelhante a Edmundo que em idade se distanciava muito de mim. Por um convite, deixei minha cruz.





## Dorotea vê seu herói

A lava tardia dos desejos recomeçou. Uma expressão inusitada de um corpo silente. Pois bem semelhante ao dizer de algumas línguas: as mulheres apreciam uma inclinação antiga. Preferem a segurança ao desejo. Depois de estarem assentadas sobre as garantias de suas vidas e de seus filhos podem soltar suas chamas. Ao ver seu homem chegando, entristeceu-se. Ele já se curvava por mais que se lhe fossem boas as notícias. Um ar conformado circunscrevia-se em todo corpo de Dorotea, parecendo Sara em sua infertilidade. Se Sara riu dos anjos ao informarem a segunda chance em sua adiantada velhice, do mesmo modo riu Dorotea quando revelei meu sucesso como navegador de novos mares.

Não gostei do riso de pouca conta de Dorotea. Protestei:

-- Por que você riu?

-- Eu não ri, respondeu, irritada:

-- Sim, você riu.



Ela ficou mais irritada.

-- Faz tempo que ouço isto e aquilo a respeito de tua profissão. Nada disto nem daquilo aconteceu. Já estou cansada de ouvir tuas certezas. Tenha dó de mim em me fazer acreditar em qualquer sucesso profissional. Me dá até vontade de chorar em ver tuas ilusões. Mas se for verdade, vou saltar sobre o telhado, anunciando a novidade.

Eu me retirei para o quarto, sem dar mais conversa pra ela. O importante era eu. Novamente podia confiar em meu braço. Assim se sucedeu.

As primeiras reclamações tiveram resultados positivos. Já podia pensar sem engano: eu sou um profissional competente.

Ela vasculhou a minha pasta. Olhou as petições e reclamações com as decisões. Sentiu vergonha de não ter confiado no resultado dos meus esforços. Na hora em que viu o que não era apenas promessa, saiu pra comprar champanhe e alguns salgadinhos. Sentiu muito ter duvidado. O seu quase velho começava a se desenhar diferente em seu interior. Carregava uma vida nova. Poderia se espelhar no seu homem sem se iludir a respeito de seu poder. Não podia descrever ao certo a mudança em seu peito. Até então andava abatida. Mal se confirmara o retorno ao meu poder financeiro e social, já se alteravam seu humor e suas chamas.

Passadas semanas, ela me chamou, fazendo a surpresa



de uma pequena festa. Os filhos vieram dar uma passada para festejar com a mãe a glória do pai. Um novo espírito pairava até sobre o velho guarda-louça. Os movimentos do casal se agilizavam em todos os sentidos. As faces transmitiam prazer. Os olhos se dirigiam animados. A cabeça, ágil. Os resmungos desapareceram, dando lugar a vozes bem pronunciadas. As irritações cederam espaço para a serenidade, merecendo algumas considerações nos meus apontamentos.

Hoje, dia de todos os santos. Me incluo entre eles, Santo Deus. Impressiona a forma humana na qual se tornou Dorotea. A segurança dela é de comover. Antes havia um ranço triste. Definitivamente deixei-a em constante floração, depois de meu exíguo sucesso profissional. Vê em mim um Ulisses atravessando mares. Está para Penélope, não desejando nenhum outro rei. Me sinto herói vencedor de guerras. Falei até pra meu amigo Teodósio: estou para ela como segurança. Já não sei se me ama por causa de meu sucesso ou por que sou eu mesmo, com minha instabilidade, rancores e indisciplina. Estou para ela um Ciclope quase onipotente. Esqueceu minhas instabilidades. Temo nela sua confiança exagerada. Temo por mim. Não acredito em meu caráter, tão reverenciado. Sou seu herói de sete mares e em nenhum deles qualquer indício de afundamento.





## Aquiles quase cai

Cuspiram no meu rosto, puxaram minha barba, mijaram em minha sala. Esta queixa é pouca perto dos pedaços de Aquiles. Isto vale uma introdução do sofrimento humano aí posto.

Parece haver uma aceitação da morte quando nos ofendem. Se repetida a agressão, a coisa fica pior. Olhamos ao redor e nos defendemos, ou, entregamos os pontos nos recolhendo à nossa insignificância. Parece ser assim aos deprimidos: de tanto tentar a comunicação e se darem mal, fecham suas casas para o recolhimento definitivo. Cheguei a dizer: é tanto o sofrimento, fazendo desejar a morte pra me ver livre do aguilhão insuportável. Parece ser o mesmo dos suicidas. Retiram a dor intensa, às custas da vida. É preferível, então, o silêncio absoluto. A vida possui sua autoridade limitada ao nos deparar diante da dor, sendo o principal motivo de dores da alma a extrema dificuldade na comunicação. Um corte desumano das palavras e do reconhecimento retira o poder da



ternura.

Andava desse jeito.

Dia 10 de novembro de 2014. É o dia no qual me tornei infeliz. Se alguém levar um golpe, ainda que esperado e cair de cara no pó, poderá ter uma sensação de completa perplexidade. Foi o que senti na manhã deste dia. Explico melhor. Trabalhava bem com Edmundo.

Oitenta por cento dos honorários de meus clientes me pertenciam e o restante ficava com a banca. Não posso me queixar dos cinco anos de serviços prestados. Economizei muito. Estava atento à minha história. O azar não me surpreenderia por inteiro. O que me surpreendeu foi a forma de me afastarem. Cacilda, a noiva de Edmundo, ultimamente se aproximava de mim, buscando toda informação dos processos. Percebia sua conduta com naturalidade, pois ela concluía o curso de direito também. Nada desconfiava de conversas disfarçadas ao solicitar esclarecimentos. Elogiava sua perspicácia na condução dos processos. Dorotea me avisou do perigo. Falou: perdi um amigo de infância mordido por uma jaracuçu. O guri andava em gramas ralas e jamais imaginou do perigo em ambiente tão aberto. De pés descalços de tão descuidado, acabou picado pela peçonhenta. Não teve socorro suficiente. Por isso, querido, todo cuidado é pouco.

Pois não é que ela tinha razão. Quando ouvi de Edmundo: não sei nem como começar, me arrepiei. Já ouvia Dorotea: não



te falei, você é um ingênuo, mais crente que um frade. Um silêncio se fez.

-- A minha mulher, continuou ele, me pediu pra ficar em seu lugar, professor Aquiles. Espero que o senhor não entre na justiça.

-- Não tema, estive aqui como livre atirador, mas saiba que posso levar minha clientela. Aprendi muito em nossas conversações. Então estamos quites. Me permita levar os meus livros.

-- Pode levar o que lhe convém.

Meu sangue subiu. Entretanto, fiz pouco caso pra não avivar seu interesse sobre minhas intenções. Depois de minha mulher ter falado da jaracuçu, xeroquei todos os processos pra não perder de vista minha possível clientela.

-- Vou lhe pagar a metade a ser auferido pelos processos já encaminhados pelo senhor. Eles demandam acompanhamento e audiência, o que será feito de agora em diante por Cacilda.

Despedimo-nos com indisfarçável mal-estar.

No caminho para casa, avaliei minha situação. Não podia negar os bons resultados financeiros de meu trabalho. Não tinha porquê ficar me lastimando, afinal conseguira boa clientela. Me insistiu, entretanto, uma lembrança atroz. Quando criança, na procissão de Corpus Christi, enfeitávamos de verdes



ao longo da estrada, onde Ele ia passar. Junto aos arames do nosso curto potreiro, sustentando uma vaquinha, íamos pondo galhos verdes de toda espécie. Não reparei ter posto uns galhos de pessegueiro bravo, puro veneno. Morreu a vaquinha estrebuchada. Piá azarado disse o pai. Não levo sorte, pensei: quis agradar a Deus e matei nossa vaquinha. Seria a sina junto de mim. Ainda bem que posso mostrar agora, um monte de dinheiro. Vou agradar a Doro. Ela merece. Vai pôr às distâncias as dúvidas de quem a ama.



## Um diálogo interessante

Ao chegar em casa, encontrei meu filho Anselmo. Sua formatura em medicina e início de sua residência em oncocirurgia obrigavam-no a encontrar uma boa sala para consultório. Antes de mais nada, falei-lhe de minha nova situação. Com a maior das serenidades falou-me de uma história narrada por um professor do curso de ética médica. Dizia o professor: um guru muito ouvido nas bandas de um cantão da Índia era muito consultado. Gobind Singh, nome do mestre, foi convidado pela família de Indira Druva a ver se poderia olhar por ela e aconselhar o que fazer. Foi até lá pra conferir o que poderia ser feito. Ao sair da casa, falou para o procurarem dentro de uma semana. Subiu ao monte onde pastava a riqueza da família, uma vaquinha só. Levou o animal até um precipício e jogou a vaca. Semana seguinte os familiares, chiando muito, foram ter com Gobind. O filho mais velho queria dar uns trancos no guru. Ele havia deixado o pior resultado. A única riqueza morrera. Ao ouvirem de Gobind a confirmação de ele ter matado o animal, ouviu-se em uníssono:

-- Wèi He? Wèi He? Por quê?

-- Explico. Vocês me pediram conselhos para que a família Druva melhorasse de vida. Vi tudo. Cheguei à conclusão



ser a vaca a culpada.

-- Wèi He? Wèi He?, novamente.

-- Toda família Druva estava mal acostumada. Estava presa a uma vaquinha. Só assim pra família Druva encontrar um outro caminho.

Em resposta à fala se ouviu apenas:

-- Huítóujiàn, Por favor, e Qing, Obrigado!

Depois de um mês Gobind retornou à casa da família Druva. Foi recebido com muita alegria. Todos haviam tomado outros rumos, buscando cada qual um novo caminho.

Aquiles entendeu o recado e sem mais esperar, provocou o filho.

-- Você me falou dias atrás sobre a oferta de duas salas. Haveria um desconto importante se fossem compradas juntas. Aceito ser teu parceiro da menor. Tenho um dinheiro que facilita a compra da menor. Pago-a como entrada e você pode financiar a tua, bem maior. Assim tens 30% de desconto no valor que havias me falado.

-- Bela ideia. A empresa vendedora por certo aceitará a proposta.

-- E eu vou inaugurar a minha banca com quase setenta anos. Antes vou convidar dona Dorotea a ver se fazemos uma viagem.



## Um sonho de viagem

O convite foi aceito com resistência, ela apenas me alertou sobre os gastos, dona Dorotea sempre igual a todas as mulheres.

-- Pelo amor de Deus, homem, viajar? Foi o que falou e bem mais. Comprar uma sala e viajar. Não vai sobrar nenhum tostão. Já te disse Aquiles, o seguro morreu de velho, por não passar fome e dormir sereno com suas garantias.

Retruquei firmando segurança por minha clientela. Ela investiu contra minha posição:

-- Não te iludes com tua clientela. É só dar uma volta que todos somem. A amizade feita de profissão não conta pra nada.

-- Querida, te devo tanto. Me deixe fazer um carinho do tamanha do amor mexicano. E depois, assim mais ainda saberás de minha ternura.

-- Não vou te frustrar. Pela primeira vez concedo que possa nos faltar dinheiro, mas sei que me ama.



-- Obrigado, amor!

Viajar fazia parte de minha natureza, frustrada até então. Queria conhecer o México com suas loucuras e contradições. Passei três dias mostrando os gastos, suaves perto da imensidão da viagem. Ela, professora de história, poderia testemunhar in loco a semelhança dos movimentos libertários e a força da maçonaria na organização política dos estados. Vamos ver juntos, querida, como as instituições, ao se fecharem sobre algumas crenças, são capazes de fazer terra arrasada sobre bens já constituídos. Vamos rir com os mortos e chorar sobre a violência. Vamos ver canções sonhadoras e ainda os sons chorosos dos astecas. Tenho certeza que eles ainda gemem nos sons a serem ouvidos. Tudo isso por pouco dinheiro, meu amor.

Por fim ela se dobrou às minhas invocações. Puta merda, como é difícil conviver. Ela não entendia que a segurança de minha alma também estava em jogo. Sucumbiria sem o agrado de um tempo livre e de vozes diferentes.

Corri pra acertar nossos passaportes. Depois de um mês e pouco tudo em ordem. Passagens compradas e vamo-nos!



## A terra das paixões

Quase dez dias de México. Aproveitei o último dia pra escrever Digo bem alto:

Fui ao México e de tudo que vi não vou dizer a metade pelo simples fato de pouco entender, pois não se compreende a vida que se passa em casa de poucas medidas. Entre os limites da razão e a força da perplexidade, resolvi dizer as minhas impressões.

Pelas leituras e, particularmente, nessa viagem, percebi toda a complexidade da condição humana. A racionalidade sofre e, por vezes, a ponto de a loucura ser mais vigorosa que a consciência e seus valores. Para provar tudo isso me aparece, então, um povo sem meios termos. É como um sino em movimento: uma força o leva para as extremidades. Parece haver efervescência nas ruas que ocultam, em pleno sol, os Cristos lanhados nas igrejas, símbolos de uma dor, própria de quem foi massacrado. Em todas as feiras se vê a força das cerâmicas de muitas cores, dos vasos de cobre coloridos e, por contraste, conforme Érico Veríssimo, *as imagens agônicas dos Cristos que tenho encontrado: adoram Cristos esfolados, vergastados, Cristos que vertem sangue*. As igrejas espanholas se mostram soturnas, indicativo de uma felicidade duvidosa.



A face humana sofrida aí se revela sem reboços: demonstraçãõ viva de catarse face à humilhação. As canções mariachis de um lado mostram sentimentos de mil carências e abandonos: uma choradeira de meter compaixão nas almas sensíveis, enquanto seus pistões anunciam uma esplêndida alegria. Mas vamos ver estes mexicas de corações colados na metade de suas terras, pois que a outra lhes roubaram, e, aí, revelada uma história e um espaço de causar espanto. De um lado a doçura sem medidas e, de outro, uma paixão insólita a instigar revoluções e mortes sem piedade. De um lado o vigor palpitante da identidade e, de outro, a entrega humilhante de suas terras aos americanos. Se matam em casa por suas causas e se deixam matar *por los de afuera asi no más*. Roubam as terras das congregações religiosas as quais, fazia séculos, educavam o povo e entregam muito mais a estrangeiros sem história. *No los comprendo pero me gusta verlos muy cerca. Hai que amarlos! Mui queridos, todavia muy locos.*

Dorotea leu esta parte e avaliou ser muito severa. Nós vivemos dias intensos e você soleniza demais a grandeza e a vitalidade quase louca do povo daqui. Olha, amor, disse ela:

*Deve haver ilhas para o sul das coisas*

*Onde sofrer seja uma coisa mais suave,*

*Onde viver custe menos ao pensamento,*

*E onde a gente possa fechar os olhos e adormecer ao sol*

*E acordar sem ter que pensar em responsabilidades sociais*

*Nem no dia do mês ou da semana que é hoje.*

Depois ela continuou, acrescentando aos versos de Pessoa:

*Fica comigo e não me abandone, meu amor!*



*Minha alma tornou-se escrava deste povo e mestre*

*Das dores lancinantes multiplicadas nas pedras.*

Depois retomei meus apontamentos pra avaliar melhor o que foi visto.

Da chegada guardei alguns fragmentos:

Descansamos um pouco na chegada. Como não há mulher que sai pra rua sem melhorar seu visual, Dorotea demorou, pensando: *o que os mexicanos vão dizer de mim?* Fomos até ao passeio Madero: rua feita só pra passear. Que maravilha: uma ponta dava para o palácio presidencial, no Zócalo: enorme praça, e a outra para o teatro de Belas Artes, onde iríamos assistir o comovente Ballet Folclórico Mexicano. Um palhaço mexicano me tomou pra se divertir, emblemático de tudo que aconteceria nesta terra. Eu era estranho e a realidade toda se divertia com minha ignorância. Me afastei, fazendo de conta que seu papo não me interessava. A verdade era de que meu espanhol e minha mente estavam embotados pra conversar com aquela alegria, nem tampouco estava pra gozarem de minha cara. Fomos logo em seguida experimentar as *tortillas*, coisa sem graça, no magnífico restaurante, conhecido como *Casa de los Azulejos*, onde se localiza uma das casas da rede Samborn's. Ali se vende de tudo e mais um pouco. Contar a história deste local barroco exigiria um volume para descrever deste lugar todos os ocorridos da história mexicana. Aí fica também um mural, *Omniciência*, de Orozco, conhecido por seus quadros exóticos e cheios de simbolismos e horror. O local até faz parte dos eventos da independência, pois aí o personagem polêmico Augustin Iturbide, ergueu um arco para comemorar seu desejado reino mexicano. Ele fez a independência e logo a seguir mataram o homem, pois queria ser imperador. Pois é... Pensar apenas em si pode levar à morte, logo onde as paixões, facilmente, se



erguem sobre a razão. Aquele exótico e contraditório herói é belo exemplo dessa máxima. Deixemos isso pra mais tarde. Pois bem, não dá para deixar de sentir um ar picaresco e heroico e, quase em tudo, contraditório. No México a alma humana é cheia de conflitos e exageros, um gosto rústico de tragédia como diz Veríssimo. Um pouco de Cortez e de Cantinflas ao mesmo tempo, todavia, parece haver uma dor oculta, talvez, pela forma espanhola de dominar os mexicas, astecas: sentimento de desalento por terem uma pátria nascida de massacres e a metade perdida pra estrangeiros.

Tem mais desse *passeo madero*. As pianolas soam de um som triste, parecendo evocar mais choro que música. Há uma sonoridade mística, religiosa, e os velhos que as tocam estendem seus chapéus pedindo auxílio. Enquanto caminhávamos reparava nas feições dos transeuntes. Vi diversos rostos iguais aos desenhos de verdadeiros mexicas. Me comovia a genética forte de um povo derrotado. Mas não havia o que dizer: aí uma gente miscigenada. *Pero que si pero que no*, acho que a minha percepção tinha de *muy personal* para se constituir uma verdade. Ainda bem que a vida de todos os jeitos era protegida por inúmeros *policiales*.

Fernando Pessoa insistia em conversar comigo:

*Lenta, a raça esmorece, e a alegria*

*É como uma memória de outrem. Passa*

*Um vento frio na nossa nostalgia.*

Confesso, porém: os passantes não eram tão tristes quanto os índios de Érico Veríssimo em seu livro *México: No aspecto geral do índio estarão o peso e a cor sóbria do chumbo. Na sua atitude esquiva, a qualidade resvaladia e arisca do mercúrio. Na*



*pele, o cobre, o carvão nos olhos.* Caminhavam com certa alegria na rua Madero, distantes das dores antigas, somente a pianolas para lembrar o orgulho ferido.

Dia seguinte fomos aos painéis de Rivera. Retratam a história da conquista, ou seja, da mutilação de um povo. Num deles Cortés recebe seu quinhão em moedas e, de outro, pobres índios aram terras com parcelas de jovens. Tudo sob a bênção de sacerdotes com os quais Rivera tem grave diferença. Acusa-os em razão da inquisição e do silêncio sobre os inocentes. Mais tarde veremos que outras opiniões se interpõem sobre esta questão. Mais cenas de horror com índios devastados e mortos. Contrariamente às cenas das raivas espanholas, rivalizam as cenas das feiras de cujas trocas os índios cotejavam ofícios, objetos e alimentos. Ainda mais: danças solenes com dançarinos, tendo ao fundo pirâmides coloridas. Em tudo: as cores não se envergonham uma das outras. Equívoco maior de Rivera se dá ao final de seus painéis, entendendo que a solução socialista daria conta de um horizonte justo e bom. O sonho de Rivera se tornou numa Rússia com tantos mortos quantos de quaisquer absolutismos. Parece acertado quem diz serem as grandes ideologias e utopias, como as das conquistas das Américas, traidoras da igualdade.

Curiosos, fomos ver a Catedral, sob a qual está o principal templo Asteca. Aí todos os estilos se reúnem por dentro e por fora. Em tudo um peso divino molesta a alegria humana: a eternidade austera nas pedras. Depois Nossa Senhora de Guadalupe, em homenagem, vista por um indiozinho. Viu a virgem protetora de sua raça...

Dorotea estava cansada, mas tínhamos pela frente as pirâmides.

Coisa de louco, as crenças! Aí estão elas; de um lado a



pirâmide da Lua e do outro a do Sol, mal dando para acreditar no que se pode ver entre as duas. Não custa imaginar o esplendor de uma cidade que se estende ao longo de um eixo de mais ou menos cinco quilômetros: os edifícios mais importantes que abrigavam templos, palácios e as casas de autoridades. Além destes, também pirâmides: a Casa dos Sacerdotes, o palácio de *Quetzalpapalotl* (borboleta quetzal), o palácio dos Jaguares, a estrutura dos Caracóis emplumados, o templo de *Quetzalcóatl*, a cidadela e muitas outras edificações que naquele tempo eram de grande beleza, todas junto à avenida.

Existem evidências arqueológicas de que Teotihuacan terá sido um local multi-étnico, incluindo Zapotecas, Mixtecas, Maias e mesmo Nahuas ou Mexicas. Os Totonacas sempre afirmaram que haviam sido eles a construir esta cidade, o que era corroborado pelos Astecas.

Por aquele dia já havíamos visto o suficiente.

Outros dias viriam a confirmar o quanto sofreram os povos nas mãos dos espanhóis.

Meses depois da viagem resolvi acrescentar:

Dizem os historiadores que já era tarde quando Montezuma se deu por conta das intenções de Cortés: não tinha nada de salvador. Se, acaso, tivessem posta a sua identidade em seus lugares, nos fatos e em argumentos, poderiam salvar a pele e sua civilização, mas e daí o que seria o México sem a ciência e os encantos espanhóis. E pra espanto de muitos, Vasconcelos, um escritor mexicano, chega a dizer, num diálogo com Érico Veríssimo, *todo aquele que se sinta mexicano deve a Cortés o mapa de sua pátria e a ideia de nacionalidade. Antes do Conquistador, o México era uma multidão de tribos separadas por montanhas e rios, e pelo abismo de seus trezentos dialetos. É verdade, os*



*espanhóis oprimiram os índios e nós os mexicanos continuamos a oprimi-los, mas nenhum desses dois tipos de opressão se compara com os padecimentos que os caciques impunham aos seus súditos.*

De todo jeito que se olhar e buscar desculpas, não se justifica a devastação impiedosa e cruel de um patrimônio de vidas e culturas.





## Em meio à viagem, meus filhos

Os meus filhos permaneciam como fundo das figuras surgentes e insurgentes. 1800 surgiu para liberdades, estremecendo as bandeiras de Portugal e Espanha. Íamos, então, iniciar a caminhada pelas estradas da independência do México. O telefone tocou. Meu filho Afonso saudando o papito. Estava efusivo. Estranhei um pouco. Seu jeito sempre fora mais pra sisudo que vivaz.

-- Que o México faça bem pro senhor e pra mamãe.

-- Obrigado filho. Com vocês, tudo bem?

-- Tudo em cima! Papai, eu tomei a liberdade de pôr em sua sala o meu material de arquitetura, enquanto não conseguir alugar uma sala pra mim.

-- Está bem. Quando voltar, vou ajudar a ver de perto o que fazer para iniciar tua profissão.

-- Obrigado por enquanto, pai!



-- Vamos ver o que fazer...

-- A sala é grande, papai. Posso ver a possibilidade de reestruturá-la, fazendo uma pequena reforma?

-- Espere um pouco mais. Gostaria de ver a mudança! Tome cuidado com as medidas, pois ela não me pareceu tão grande assim.

-- O senhor vai gostar, tenho certeza. Então, pelo menos, posso fazer o layout do novo ambiente?

-- Faça apenas o projeto.

-- Sim, pai!

Senti sua voz já austera. O tom de voz de meus filhos diz mais que as palavras. Em mim se fez mal-estar. Tentei minimizar a minha dissonância. Entre o sentimento de ser invadido e o sentimento de pai havia um conflito severo.

Conversa desfeita outra a ser feita. Sabia da sala de Anselmo ser muito espaçosa espaçosa. Telefonei pra ver uma alternativa melhor. Sugeri a ele a possibilidade de oferecer a Afonso as despesas do financiamento e o espaço a ser estudado.

-- Nem pensar nisso pai!

-- Por que?

-- Veja, pai, os móveis já estão quase prontos. As divisórias de acartonado também já foram pagas. Não tem mais



o que fazer.

-- Veremos o que fazer. Tchau, filho.

-- Espero sua compreensão, papai.

Fui dormir de peito oprimido pela dissonância. Dorotea sentiu meu silêncio.

-- Que diabo te incomoda homem?

-- O diabinho do Afonso está doendo em mim.

-- Como assim?

-- Enquanto você foi ao shopping ele me telefonou, pedindo pra dividir com ele a minha sala.

-- Sentiu teu reino ameaçado?

-- Pequeno e indefeso!

-- Brincou com Vinicius

*Filhos? Filhos*

*Melhor não tê-los*

*Noites de insônia*

*Cães prematuras*

*Prantos convulsos*

*Meu Deus, salvai-os!*

*Filhos são o demo*



*Melhor não tê-los...*

*Mas se não os temos*

*Como sabê-los?*

-- De fato, querida, nem o diabo nem os filhos tem idade.  
Sempre estão a nos exigir.

-- E o que vai fazer?

-- Pedi um tempo até que volte.

-- E depois

-- Vou ver de perto.

Não tive condições pra mais nada a não ser escrever o que vi no Museu Nacional do México. Aí passamos bem duas horas antes de vir ao hotel.

*El pueblo mexicano levanta este monumento en honor de las admirables culturas que florecieran durante la era Precolombina en regiones que son, ahora, territorio de la República... hoy se rinde un homenaje al México indígena en cuyo ejemplo reconoce características de su originalidad nacional.* Com estas palavras o presidente, Adolfo López Mateos, inaugurou o grande museu. Setembro, 1964. Un cementério?, me pergunto.

Em rápidas passadas, vimos o que duas horas podem oferecer a um curioso de muitos sentimentos ao se deparar diante da grandeza de uma civilização assassinada. Antes de nos adentrar nas salas asteca e maia, as mais importantes, das



23. Entramos na sala asteca. Fui tomado de um profundo respeito. Já imaginaram se aquela gente toda, seus deuses e seus símbolos fossem tomados de horror pela invasão, vendo em mim um dos responsáveis pelo silêncio de tudo que morreu? Definitivamente estava abalado, não sabendo se a demanda de Afonso ou se a dos apelos indígenas me feria mais. A morte tem mil jeitos. O cansaço me devorava. Fui dormir.





## Fiz amizade com Morel

Manhã de domingo: viagem pra cidade de Morélia. A van, o guia, o motorista e mais dois outros turistas. Um mais estranho que outro. O guia começou sua *charla* de pouca animação. Leo nos apresentou: *cá estamos: Dorotea, Aquiles, de Bracil, Flor y Octavio, de Peru. A las dos horas de la tarde llgaremos a Morélia.* Silêncio. Olhei para Octavio... mistério. E misterioso se tornou em todos os caminhos da Independência. Rio ainda hoje só de lembrá-lo: carregava uma sacola por onde ia. Por curiosidade, tomei-a pensando em ajudá-lo. Senti o peso: um absurdo. Mal conseguia erguê-la. Não tive coragem de saber sobre o conteúdo do fardo. Outra curiosidade: volta e meia ele desaparecia. Depois, inesperadamente, nos encontrava. A Flor nos disse que era seu *costumbre* por causa de uma infância muito oprimida. Então, como resistência tardia, sumia em protesto. Ri comigo: bem que gostaria de fugir da solicitação de Afonso. O martelo feroz da ideia me perseguia, assim como os cães espanhóis. Por ver-me meditativo Dorotea me alertou: o grupo é pequeno, não te esconda assim. E o sino em lúgubres resposos continuava: pobre Afonso, pobre Afonso. Me consolava em querer ajudá-lo, *pero* sentia a pequenez de minha sala. O olhar de Dorotea me devolveu ao México.

Enfim, Morélia, no estado de Michoacán, antigamente



chamada Valladolid. O nome se deve a José María Morelos y Pavón, herói da Independência do México. A cidade respira Morelos, um padre que, juntamente com Hidalgo, iniciou a luta armada pela independência do México. Leo nos levou a ver a Catedral. Mas vejam só: a Igreja estava cheia de fiéis, não cabendo mais nenhum, muito menos turistas. Eram duas da tarde. Fiquei atônito de ver a religiosidade de um povo, apesar das perseguições que atravessaram os séculos XIX e indo até os meados do XX. Lugar de muitos conventos. A política laicista e virulenta de Benito Juárez e, mais tarde, de General Plutarco Elías Calles, acabaram humilhando a Igreja, fechando seminários, conventos, retirando, de todas as ordens religiosas, qualquer posse. Atitude muito avessa a todo sentimento religioso daquela gente. Contradições mexicanas... Mas isso é tema pra mais tarde. Mais me atraía a terra dos índios perhépechas, pois aí ficavam os lugares arqueológicos da província de Michoacán com antigos assentamentos desse povo, uma cultura originária no estado e que teve aí sua sede política, administrativa e religiosa. Só pra ver melhor, é interessante ver as gentes e as línguas que aí se falava, povos que viviam se debatendo por sobrevivência e domínio regional. O território michoacano esteve habitado pelos tarascos ou purhepechas, que se desenvolveram como uma cultura dominante e impuseram sua hegemonia econômica, religiosa, militar e cultural às demais etnias que também habitavam a região, como os nahuas, otomí, matlatzincas ou pirindas e tecos. Na região, falava-se, além do idioma tarasco ou purhepecha, os dialetos coacomeca, xilotlazinca, colimote, pirinda, mazahua, sayulteco, náhuatl e teca. Tomando de meu celular fui lendo tudo isso e mais um pouco. Me entristecia por ver como se mata fácil. Pra matar alguém não custava nem custa muito. Basta querer dominar e não dividir. Estava também me sentindo um espanhol.



Visitas aos lugares por onde Morelos andou, depois, Pátzcuaro.

Cinquenta e dois quilômetros de estrada para chegar ao lugar que pode ser traduzir como o lugar onde começa o paraíso. É ali que se pode ver exatamente o que era o tempo colonial.

Um domingo preguiçoso nos esperava na praça central da antiga capital da província de Michoacán. Leo nos dizia também ser aí o reino das borboletas monarcas. Elas voam 5.000 quilômetros pra se reproduzirem nestes sítios frios e montanhosos. Somente as borboletas novas retornam. Sabem de cor como voltar ao Canadá. Mas não estou para falar de borboletas, estou muito mais para falar das gentes e das impressões humanas do que vi e ouvi.

México é incomensurável e tanto é que nos intimida. Li a respeito de um dos conquistadores, o cruel Nunõ Gusmán. Por onde passava destruía tudo e a todos. Se Cortés não era flor que se cheirasse, imaginem o Gusmán, o maior matador de índios. Por matar demais foi preso e levado para Espanha. Para ver o resultado da devastação nunhosa, foi enviado um advogado, o padre chamado Vasco Quiroga. Veio para ver e ouvir os terríveis acontecimentos. Tornou-se bispo da região, sendo Pátzcuaro o centro administrativo da diocese. É interessante o que nos diz a história e as lendas. Narram de Vascon ter feito brotar água de rocha ao bater seu báculo. O que merece maior atenção é o magnífico templo de Nossa Senhora da Saúde com uma imagem de larga saia feita de milho. Quando entramos no templo, coisa de cair o queixo... Uma beleza de deixar tonto qualquer descrente. Se quiserem ver melhor é só acessar o Google: *Catedral de Pátzcuaro*. Colunas belíssimas sobre o altar e, nas paredes, filigranas de ouro, as quais tinham sido recentemente



polidas... O dourado refulgente na manhã clara elevaria até um espírito tosco. Me apiedei de uma mulher miúda carregando, de joelhos, seu filho na direção do altar. A bondade divina poderia ver o clamor sem aquele sofrimento, avaliei amargo. Mas dos mundos e das almas há que se respeitar as diferenças. Mas, cadê Octávio? *No te procupes*, disse Flor.

Nos recolhemos ao hotel Vasco Quiroga. Falo, então, de Tata Vascon: ao ver a pobre gente em estado de miséria, começou a criar trabalhos singelos através de diferentes artesanatos: em barro, em cobre, em prata, em palha, em pedra ou em diferentes madeiras, abundantes na região. É um homem admirável, e pensar que 300 anos depois viesse um governo pra devastar a fé e a caridade cristã. Na praça enorme em frente à catedral erguida por ele, invoquei seu santo nome. A tradição também conta: no período pré-hispânico, este era o lugar para o qual os príncipes perhépechas vinham descansar de suas peleias contra os astecas. Me encantava o lugar e suas borboletas, pois que chegavam as monarcas vindas do Canadá, fazendo anualmente o mesmo périplo. Muito mais tínhamos a ver. Comecei a entender porque chamavam de mágicos a estes lugares. De Pátzcuaro, originalmente significa o lugar donde começa o paraíso, fomos para Santa Clara Del Cobre.

Em meia hora lá chegamos. Duas igrejas circundavam a praça. Leo narrou junto à praça, frente à igreja maior, uma história *muy* atraente, apontando a arcada junto ao sino. Falou: Pito Peres era um homem muito interessante. *Apraciabalhe la bebida. Subia adonde se puede ver, y, a luz de las estrellas, empezava sus histórias. El pueblo venia a oír sus fábulas. En una vez el era boticário, en ortra, cocinero, en otra oficial del ejército nacional. Em todas narrativas fue siempre un heróe. La gente se sonria mucho com Pito Peres. Saben ustedes que hai un libro y una película de Pito. El libro y la película tiene el nombre de La*



*vida inútil de Pito Peres*. De cara me agradou o tal do Pito Peres. Dias depois fui a uma livraria comprar o livro, mas o vendedor: *no tengo el libro, pero hai la película*. Está comigo, mas afianço que é bem melhor imaginar Pito Peres contando histórias do alto da torre, a ver o filme. Valeu atravessar um oceano pra conhecer Pito Peres, o contador de histórias.





## A vida indecisa de Aquiles

Durante a apresentação dos trabalhadores em Santa Clara, vi distraído, chamas, cobs e seus martelos pesados obedientes aos esforços dos forjadores. Não fiz muito mais que me comover com Pito Peres. Se examinar bem deve haver um motivo pra ficar com tamanha veemência com Pito Peres na cabeça. Minha falta de liberdade e iniciativa fizeram de minha vida uma pessoa incapaz de me levar a sério. Mal começava um trabalho já se me extinguia a força, quando não as roubavam. Pito Peres é que era. Um vagabundo assumido e feliz! Eu nem grande trabalhador à semelhança dos forjadores de cobre, tampouco um boa vida semelhante ao Pito. Me confesso entre os forjadores e Pito, escolhendo o último. Me doía ver a humildade dos homens da forja, solicitando uma contribuição, me alegrava a alegria de Pito contando histórias fantásticas escorado no sino. O vigário, um rude espanhol perdia para o bêbado na disputa das palavras. O padre deixava flácida a vontade diante das divinas promessas, enquanto Pito forjava a alegria imensa nos sonhos. Ao entrar na Igreja vi promessas duras para obter a graça de uma cura



e de um casamento feliz. A igreja vetusta reproduzia os ares das igrejas espanholas. Santos tristes e um Senhor lanhado em sangue.

Ia desse jeito enquanto o toin toin toin dos forjadores davam forma à matéria bruta. Todos os três forjadores disseram que aí viveriam *hasta la muerte*. Torciam a que os donos dos produtos forjados encontrassem bons compradores.

Me espicaçou meu cérebro a ideia de dividir minha sala com meu filho. Me senti sufocado com a fumaça dos forjadores. Minha liberdade inteiramente dividida entre a generosidade e a divisão de meu único bem. A casa provinha da herança de Dorotea. Pobreza é bem isso: não ter a liberdade de afastar os limites. A pobreza é sufocante. Nos impõe a rigidez do corpo e da alma. Pois então a liberdade, também, vive cercada de moedas.

Dorotea vendo-me voador, me cutucou: volte pra cá! Ao final, alcancei uma gorja aos trabalhadores. Mais por compaixão, menos por reconhecimento. Por fim, fomos ver o resultado final do esforço bruto e das peças brutas saídas do fogo. Outros trabalhadores lapidavam o cobre, deixando brilhantes figuras. Compramos objetos pra alegria de Dorotea. De retorno a van, mais uma vez ergui minha cabeça na direção do sino. Amaria de todo coração ver Pito junto ao sino. Apenas o silêncio entre os murmúrios de Dorotea e Flor. Lá se ia mais distante o austero Octavio com sua indefectível bolsa e seus pesados mistérios,



como se aí pousasse o destino. Leo, o guia, nos convidava a ir para Tzintzuntzam. Terra dos beija-flores. A palavra traduzia o doce pássaro. Me consolava ser também um pássaro, beijando movimentos precários em busca de alimento.

*Adelante, hermanos! Vamonos a Tzintzuntzan.* Pode haver som mais afável? Onomatopéia perfeita do voo dos beija-flores. *Temprano a la maniana hai muchos que vuelan!*, falou Leo. Saímos do lugar das borboletas amarelas para ir ao encontro dos colibris. Um mundo bizarro nos esperava, a começar pelo convento franciscano abandonado. Em Google a tragédia governamental de Juarez e Calles: *Cerca del lago de Pátzcuaro se encuentra el convento de San Francisco de Tzintzuntzan.* Tudo foi abaixo a mando dos bizarros chefes de Estado. *Cerca de la ruta:* não há como não se comover diante dos trabalhos artesanais dos descendentes dos perhépechas. O trabalho em palha e outros materiais, tanto pela feitura delicada como pelas cores fortes e harmônicas, são de encher os olhos. Não tem como não agradecer a Dom Quiroga, e lá vai quase quinhentos anos, pela iniciativa de dar a oportunidade da arte aos dedos inteligentes e às almas assustadas daquela gente. Me comoviam as horas pelo tempo, presente de uma eternidade rompida, concedendo as cores e o voo de pequenos pássaros. Fui ao templo. Uma mulher rezava a via-sacra, solidária na dor diante da fragilidade de Deus e dos homens, pelo visto, principalmente, das mulheres. Começou a me dar mais dores no peito, uma angústia indecifrável buscando consolo numa



força distante vindo das nuvens, dos pássaros e da morte.

O exótico e o diferente nos reservavam o que o guia Leo nos havia dito em Morélia: *hacen fiestas muy hermosas y alegres en cementerio*. Pois bem, ao passar pelo centro de Tzintzuntzan, olhamos para o inesquecível: o cemitério ornado de flores muito vivas, junto às casas dos vivos, dava impressão de um acolhimento às almas. Entre o fim dos túmulos e o início da rua nem ao menos vi um cordão. Acredito que as narrativas dos primeiros historiadores sobre os costumes indígenas, afirmando que os familiares guardavam os seus mortos em suas casas, quase se confirmava aí: não dentro de casas, *pero muy cerca*, em casinhas brilhantes e festivas. Leo nos narrou que, ao falecer alguém da comunidade, se fazem três dias de festas. E dizer que no dia de finados vem muita gente participar de festas *muy expressivas*. Eram duas *da tarde*. *Entoces Leo habló: nosotros vamos al amoerço a degustar un pesce del lago*. Paramos num restaurante e comemos um peixe muito especial, mas sem *chile* (pimenta de verter lágrimas). Comi demais, talvez querendo comer também um consolo. Nem a solicitude alegre da morte em Tzintzuntzan me devolvia a serenidade. Rumo a Guadalajara.



## Sonhos de morte em Guadalajara

Guadalajara, capital, Jalisco.

*Muchacha bonita, la perla más rara,  
De todo Jalisco es mi Guadalajara*

*Y me gusta escuchar los mariachis,  
Cantar con el alma sus lindas canciones,  
Oír como suenan esos guitarrones  
Y echarme un tequila con los valentones.*

Completo o canto mariachi com minha canção

*Y tabien mirar sus putos ratones*

*Que van a lo diablo con todos ladrones.*

Sabem todos: entre um sonho bom e um pesadelo cabe pouca distância: são da mesma cabeça. Pois assim se foi em



Guadalajara. Sonhei ouvir Mejia, Negrete *y sus valentones* e acabei enganado. Puro pesadelo! Na primeira noite de Guadalajara. Foi bem. Lindo hotel. Lindas pessoas. Quem vê cara não vê coração. Bem que a lenda grega solicita uma reforma na anatomia. Um pequeno deus pede a Zeus pra deixar o coração do lado de fora. Assim saberia com quem estaria lidando. Um dia pra ver pouco e uma noite de logro. Fomos, dia seguinte, ver uma destilaria de tequila. Muito andar pra ver tão pouco.

O guia estava também interessado em nos mostrar artes maiores do que a destilaria. Falou mais ou menos assim, ao mostrar nas escadarias da Suprema Corte de Justicia de La Nación os afrescos de Orosco. Constam de quatro painéis, englobando três temas principais. Em dois se refere ao tema da justiça; neles satiriza a sua prática. Significativa é a sátira contra os charlatões, os demagogos e os políticos. Outro tema se refere às riquezas nacionais, aos produtos da terra, metais preciosos, petróleo e aos movimentos sociais dos trabalhadores.

Após conhecer Orosco voltamos solitos para o hotel. Na rua, senti um golpe pelas costas. Minha correntinha saltou. Apanhei-a no ar. Outro desgraçado avançou sobre a mão fechada. Lutamos por um momento. A joia de Cristo crucificado ficou partida. A parte maior ficou comigo e a outra com o ladrão. Jesus ficou mais uma vez junto de um deles.

Continuamos, nervosos, nossa ida ao hotel. E para tirar o peso do azar, Dorotea tomou um banho, descobrindo que seus chinelos haviam sido surrupiados. Fiquei aflito, mas, o azar não



havia se esgotado. A noite chegou e alguém, foi dito pelo Leo, nos levaria a ver um show mariachi pelo valor de cem dólares. Fomos. Entramos no bariachi. Quem nos levou foi o próprio Leo e com o motorista, cobrando o preço estabelecido. Desconfiei da sorte ao nos adentrar num espaço de quinta categoria. Fiquei na portaria esperando que o pequeno grupo entrasse. Perguntei ao recepcionista pelo valor do ingresso: *nada, puede entrar señor! Solo el consumo, señor!* Entendi o transporte como um terceiro assalto! Uma raiva, mal contida, começou a estragar definitivamente a noite. Vou pegar um taxi e me mandar! Por favor, te acalme, falou a Dorotea, deveremos ficar mais dias com eles! Ao final da miserável noite, enfim um show de mariachis. *Vamonos*, disse o Leo. No caminho explicou que o termo mariachi nasceu nessa região. Houve um tempo que tivemos muitos franceses por aqui. Convidavam as bandas de músicos mexicanos para tocar em seus mariages (casamentos). Daí a associação de mariachi aos músicos e cantores, o que se tornou um fenômeno nacional por influência do presidente Porfírio que costumava contratá-los nas festas de sua rica corte.

E cadê dormir? Naquela noite matei uns cinco ladrões. Estava um valentão de sessenta e tantos anos peleando contra uma corja deles. De tanto matar, cansei, adormecendo como um velho inocente. E viva Guadalajara, seus...! Outro dia, *maniana*, ainda me defendia *de los ratónes de mierda*. Mas qual a razão de ter visto meu filho enfiado entre os ladrões? Falei pra Dorotea. Ela apenas disse: você anda enlouquecendo por causa dos roubos.

*Guadalajara que va a tomar por el culo con sus ratos de mierda!*

Pela manhã tomamos a direção de Guanajuato (lugar de montanhas semelhantes a rãs). Ali viviam os donos das minas



de prata e os mineiros. Respira-se uma geografia urbana de ruelas e becos. Há em tudo lembranças de Cervantes. Dizem ser a cidade mais cervantina do mundo. Peças são apresentadas e o mundo todo, principalmente, de fala espanhola, celebrando Dom Quixote e seu fiel escudeiro. Fomos caminhando, vendo pedras e becos azuis. Leo, pelo caminho, fez questão de me soprar no ouvido: *mira Aquiles, vês tu el beco de Aquino? Teniase acá una muchacha y su novio que venia enamorarla a la noche. Quando muy concitada, ella diziale: **aqui nó, aqui nó!!** Donde, entonces, tenemos el nombre Aquino.*

Andamos por outras vias. Me comoveu, a seguir, uma fortaleza fincada no início da cidade, a dita Alhóndiga de Granaditas, tida por monumento em memória da Guerra da Independência. A Alhóndiga de Granaditas é um edifício histórico, um monumento e um museu de história e arte regional construído entre 1798 e 1809. Alhóndiga significa “armazém de grãos” ou mercado, já que o edifício albergava, originalmente, um grande armazém de grãos e sementes. Em 1810, a Alhóndiga era uma fortaleza para as tropas espanholas e líderes leais ao regime e foi o local da primeira vitória contra os espanhóis, sob o comando do padre Miguel Hidalgo. Um mineiro local, José de los Reyes Martínez, apelidado El Pípila, atou uma grande pedra sobre as costas para se defender das balas, abrindo uma brecha nas defesas espanholas ao queimar as portas da fortaleza. A mortandade foi cruel e geral, não sobrando nenhum espanhol. Mais ainda me doeu ver os ferros nos quais haviam pendurado as cabeças dos insurgentes, protagonistas da independência, Pe. Morelos e Pe. Hidalgo. Subimos uma montanha onde adquiri um quadro no qual Quixote narrava histórias a Sancho, me identificando com as tristes figuras.

Depois fomos até São Miguel de Allende. Dormimos no hotel *Imperio de los Angeles*. Manhã seguinte nos despedimos



*de los Angeles*, vistos por todos os cantos. Querétaro que nos aguarde. Pela metade do caminho: Doro, você guardou a folha de Quixote? Eu não! Que merda! Esquecemos o nosso herói! Falei com Leo... Mas ele não deu importância ao nosso esquecimento. A dor foi passando à medida que visitávamos Querétaro: lugar onde rolam as pedras. Visitamos a casa da corregedoria. Reverenciei, mais uma vez, histórias da independência. Uma delas me encantou por demais: Josefa Ortiz de Domínguez. Ela pertencia ao movimento literário de um grupo de *criollos*, pessoas nascidas no México, e por esta razão de pouco prestígio e, portanto, ressentidas. Como o sonho da liberdade atravessava toda a América, este grupo se tornou também insurgente e sonhador da independência. Um traidor avisou sobre as segundas intenções das reuniões. As autoridades de Querétaro puseram-se a caçá-los. O marido de Josefa, Miguel Domínguez, corregedor, escondeu sua esposa sob chaves nesta casa. O alcaide, passando por debaixo do quarto onde se escondia Josefa, ouviu dela que avisasse Hidalgo de que o movimento havia sido descoberto. Por fim, Ignacio Perez, também insurgente, montou em seu cavalo e se foi para Dolores, povoado de Guanajuato, avisar padre Hidalgo. Este recebeu o comunicado e, na missa, em vez de orações, insurgiu-se contra a Espanha, convocando a população para a independência. Era 16 de setembro de 1810.

Como despedida de Querétaro, caminhamos até a igreja de São Tiago, o matador de mouros, belíssima, mas de pouca inspiração para a solidariedade e a tolerância. Assim se terminava o caminho de nosso tour, carregando-se no peito a grande senhora María Josefa Crescencia Ortiz Téllez-Girón.





## Voltando para a cidade do México

Um sentimento de fim de viagem, sem grandes saudades. Retornamos, então, para o mesmo hotel, NH Centro Histórico. A Dorotea quis visitar um Shopping, mas, para a felicidade minha, nada lhe agradou. Retornamos à catedral para apreciar todas as arquiteturas aí reunidas. Não descansei enquanto não adquiri o DVD: *A Vida Inútil de Pito Perez*. Por termos não encontrar mais ingressos para o Ballet Folclórico Mexicano, caminhamos até o Teatro de Belas Artes. Havia ainda algumas cadeiras vagas para o domingo às 9 horas da manhã. Fomos descansar.

Sonho cheio de emoções: sonhei-me um herói estranho metido entre *los criollos*. Assustado, *pero valiente*. Vi Dorotea em apuros e três índios se aproximando. Ser decidido é isso: voei protegendo-a. Pena que acordado sou menos ágil. Me diziam: *un viejo* e se riam todos. Acertei o primeiro com uma pedra. Transformou-se em borboleta. O segundo virou um pássaro e o terceiro uma cobra. Matei-o a pau. Ela, então, me



reconheceu. Sabe Deus de minha força. Nos amamos de paixão de um só fogo, devorados. Em torno via soldados compassivos e concordes com minha ventura. Deus baixou entre nuvem falando: este é meu filho muito amado. Sua paixão não carece de idade. Rolamos para dentro de um rio de águas mornas. Acordei-me. Dorotea ainda me beijava ternamente. Falou: Este é meu homem! Preciso todos os dias de um amor assim, brincou. Estava suado. Rimos contentes por sermos quem éramos. Ainda nos espreguiçamos, vibrantes. Lembrei de uma poesia de Drummond:

*“Se em toda parte o tempo desmorona  
Aquilo que foi grande e deslumbrante  
O antigo amor, porém, nunca fenece  
E a cada dia surge mais amante.”*

Essa foi a manhã que o Senhor preparou para mim. Ainda que sombras inoportunas me invadissem por causa do encontro que terei com meu filho sobre a sala, não poderia desperdiçar as horas mexicanas.

Contei, então, pra Dorotea a intensidade de meus sentimentos sobre ela. Um coração qualquer soçobriria pelo tumulto que me ia no peito. Confessei o que já fizera no primeiro dia, ao ver os painéis de Rivera: minha dor e curiosidade ao ver as cidades dos astecas. Ela se surpreendeu, chateada. Dizia pensar ser ela, apenas, a razão de minha devoção naquela



manhã. Pedi desculpas. Quase convenci minha amada sobre a decisiva importância dos lugares. A paisagem cheia de significados como a de Xochimilco, me faziam estremecer. Não havia dúvidas, me comovia de graça. O termo é composto por três palavras: *xochit*, mil e *co*: flor, cultivada, lugar. Sabia dos canais e das casas erguidas no lago. Sabia das flores e da ternura do lugar.

Dia de sol brilhando: a grande alegria de conhecer Xochimilco. Antes, porém, conhecer a Casa Azul de Frida Kahlo. Em seus desenhos e pinturas de qualidade duvidosa, é revelada uma mulher que, em tudo, tem a ver com o México. A sua angústia se mostra por todos os cantos da casa. Suas tragédias particulares expressam uma mulher em sofrimento. Quem deseja saber mais a seu respeito é só assistir o filme *Frida Kahlo, 2002* de Paul Leduc. Acredito que sua fama de artista tem mais a ver com seu marido Diego Rivera e com a bem feita história levada às telas. Depois Xochimilco: ouvi vozes e vi cores de toda ordem dentro daqueles canais de água que traduziam, como rascunho, o que fora a cidade de Tenochtitlan, uma ilha dentro do lago Texcoco. A ilha, na qual a cidade fora erguida, foi alargada com a adição de terra e rocha. Os astecas foram cuidadosos ao manter uma distância adequada do continente para fins de defesa em caso de guerra. Devido ao fato de ter poucas terras cultiváveis, Acamapichtli, um dos tantos reis, expandiu o sistema das chinampas que consistiam de ilhas artificiais, construídas sobre uma teia de tábuas e fibras com uma pilha de juncos por cima. Depois jogavam lodo sobre os juncos. Ao plantarem uma árvore, um pouco de milho e flores, concediam uma visão florida de toda a cidade, fazendo até sete colheitas por ano. A conquista não respeitou nenhuma flor. Vi as raízes fortes das altas árvores, possivelmente, testemunhas do horror. Havia, porém, extrema distância dos turistas de



tudo que fora a origem daquela paisagem. Saí triste daquele lugar florido, mais parecendo um cemitério, onde falecidos reclamavam seu lugar. Voltamos e ainda, feita na hora, consegui de um talhador a pérola de um índio entre cacto e agave, da qual preparei um quadro que me assiste enquanto escrevo. Por fim, para passar a última noite, fomos uma apresentação mariachi numa casa de shows na praça Garibaldi. Encantos mil! Depois nos divertimos aí por ver e ouvir grupos e mais grupos deles. O guia nos advertiu: *están trabajando!* Ele nos disse: *estão aí para aceitar convites para festas de toda ordem. Así ellos se viven!* Passamos por barracas e a Dorotea comprou muitos mimos. Desconfiei querer levar o México inteiro por lembrança. Enfim, da beleza e do bem também se cansa: fomos dormir.

Último dia, residia em nós uma alegria intensa porque veríamos o Ballet Mexicano. Às nove horas começou o espetáculo e por mais de hora me tornei um devoto lacrimejante. Uma convulsão silenciosa concorria com as diversas danças. *Los hijos del Sol - Antiguos sonos de Michoacán - El Cupidito - Fiesta Veracruzana - Los Quetzales - La Danza del Venado - La jarana yucateca - Navidad en Jalisco.* Mais de sessenta dançarinos e mariachis faziam acontecer emoções dos diferentes lugares do México. Acho que os astecas se alimentavam de cores e de movimentos.

Não dá, porém, para esquecer a dança das mulheres que lutaram em 1910 contra o ditador Porfirio Dias. Já não mais me comovia. Havia um desejo de gritar, a emoção sufocava. Saímos do Teatro e a Dorotea desejou uma lembrança de prata, coisa pequena, pra não esquecer as riquezas do México!

Malas prontas. Às três da tarde, Ketzaltour nos apanha no



hotel rumo ao aeroporto. Enquanto íamos por ruas quase vazias. Estava um domingo de sol. O motorista perguntou se estávamos satisfeitos. Começou uma conversa na qual se revelou o máximo de solidariedade. Ao lhe dizer que havia esquecido minha folha de Quixote, vejam só! Sentiu-se responsável por ela. Começou a falar, por telefone, com o responsável pela empresa. Depois me disse que poderia estar tranquilo: *No te preocupes Ketzaltour va a comunicarse con el Hotel Imperio de los Angeles*. Buenas, encurtando a história. Cheguei em Passo Fundo e enviei email para a Ketzaltour. Fizeram de tudo, mas não encontraram nem Quixote, nem Sancho. Agradei o esforço. Brinquei: vai ver que o burro de Sancho comeu a folha.

Três horas de espera: é muito tempo para uma mulher ficar no free shop sem ver demais! Para o bem geral gastamos os últimos dólares.

Durante o voo fiquei quieto até que em espírito me veio um impulso de tentar compreender mais uma vez a contradição mexicana: para um povo tão católico a perseguição contra a Igreja foi trágica.

Conforme a percepção de Veríssimo, parece estranho que um Estado, praticamente ateu, tenha submetido a Igreja a leis tão duras. Leo falou: Juarez eliminou da Igreja a tarefa da educação; proíbe a Igreja administrar bens; impede os sacerdotes de aspirarem a qualquer cargo político; permite ao Governo controlar a prática do culto.



Ao chegar em casa tirei à limpo a história das lutas do Estado contra a igreja e os seus fiéis. Um texto esclarecedor de Gustavo Carrère Cadirant me orientou sobre tais acontecimentos. Mais nítidas ficaram ainda as contradições daquela terra. Os litígios fortes foram acalmados somente com o presidente Cárdenas em 1938. Bem como foi dito no início: México não vive com calma, há um sino que se move, estando o badalo sempre nas extremidades. Foi, tirando os nozes fora, assim: Quando Benito Juárez é eleito presidente se viu forçado, em 1857, pela maçonaria norte-americana de Nova Orleans, a criar as leis da reforma do Estado e entre elas as relações com a Igreja. Os conflitos nem ao menos se suavizaram com Porfirio Dias. Retomei o livro *México* de Érico Veríssimo. Em seus diálogos com o sociólogo Vasconcelos são destacadas duras opiniões contra a Reforma. Se a purificação da Igreja era necessária, não, porém, sua destruição. As terras e os tesouros da arte da Igreja foram parar nos Estados Unidos ou nas mãos de milionários deste país. *Assim, pois, como consequência das leis da Reforma ficou sendo o México o único país oficialmente ateu da terra.*

Com Plutarco Elías Calles, de 1926-1927, vieram tempos piores. Ele, fazia tempo, andava mordido e queria finalizar a obra de Juárez. Inventou de baixar uma lei na qual, além de reafirmar o que Juárez havia promulgado, criou outra que proibia os exercícios religiosos nas igrejas. Era de se esperar: a insurreição iniciou-se no estado de Jalisco.



A revolução conhecida como Cristiada, ou revolução de los cristeros, cujo nome se originou pela saudação dos revoltosos: Viva Cristo Rei!; iniciou e terminou com muitas violências. Um movimento sem muita força resultou na formação de um exército de *pellados* e de outros de maior poder com mais de 50.000 homens armados. Conta-se sobre o seguinte diálogo entre o governador de Jalisco, Barba Gonzáles, e o presidente Calles.

*Barba González: Senhor Presidente, estou muito preocupado com o rumo que está tomando o conflito religioso; as pessoas vão se rebelar.*

*Calles: Não, não. Os católicos não se rebelarão. A maioria está formada por mulheres e velhos que acreditam no além por medo da morte.*

*Barba González: Não, senhor Presidente, tenho certeza que em Jalisco é diferente; os católicos são bravos.*

*Calles: Jalisco é o galinheiro da República.*

*E Barba González comentará em suas memórias: “Que galos saíram daquele galinheiro!”*

*Calles: Se eles se rebelarem, será melhor para nós e pior para eles, nós acabaremos com eles de uma vez por todas.*

*Depois o presidente se dirige ao general que estava presente, o temível Amaro, secretário da Defesa Nacional.*



*Calles: General, nós acabaremos com eles em quanto tempo?*

*Amaro: Em três semanas, general.*

*E Barba González comenta: Deus queira que não sejam três anos.*

*Levaram exatamente três anos, não para esmagá-los, senão para negociar os “acordos”.*

Toca, por fim, ao presidente Lázaro Cárdenas o papel de pacificador: em 1938, o conflito religioso termina de maneira definitiva (definitiva?). Mais de 80 anos de violências!

Jean escreve ao final de seu artigo:

*A Igreja não falava disso em público, nem sequer nos seminários. Na história da Igreja mexicana se evitava o capítulo da Cristiada, ou era abordado com prudência. Eu me lembro muito bem da surpresa que tive em 1968 em Ponte Grande, Jalisco. Ali, no estado que foi epicentro da sublevação armada, havia o seminário da Companhia de Jesus onde eu estava trabalhando. Folhava um importante arquivo que os jesuítas me abriram generosamente, diferente do governo, que nesse momento não me permitira conferir nenhum arquivo das instâncias oficiais da Igreja. Um dia alguns jovens estudantes aproximaram-se de mim e me perguntaram por que passava todos os fins de semana fechado, trabalhando com textos, cadernos e documentos. Conversei com eles sobre a minha pesquisa sobre a Cristiada, e*



*percebi que não sabiam absolutamente nada, nada, apesar de viverem numa região que havia sido o epicentro da guerra.*

Bem certo: uma guerra! Pudemos conferir o que a Reforma pretendeu. Durante o tour da Independência ouvimos, por repetidas vezes, de Leo: *Acá teníamos un convento de monjas, acá una escuela de jesuítas, de franciscanos, de agostinianos de clarissas, de... ahora tenemos un museo, una escuela popular, una escuela de ofícios, acá teníamos una universidad...* Assim ia falando Leo. Perguntei-lhe. *Que te parece la Refoma con la expropiación de todo que tenia la Iglesia? Eso fué um error!* Nada mais disse, havendo depois um silêncio temeroso.

Buenas, termino por aqui minhas lembranças. Fico ainda mais com a certeza: México um país de contradições parecendo sempre ocultar uma próxima revolução por causa de uma história cujos fantasmas não se calam. E repito: *No los comprendo pero me gusta verlos muy cerca. Hai que amarlos! Muy queridos, pero muy locos.*





## Novamente em casa

Quem me dera dizer: em minha casa. Não sei o que me aconteceu. Talvez a opressão e matança dos astecas me puseram mais sensível. Nada acontece sem consequência. Se passarmos por paisagens vivas nos tornamos mais vivos. Passei por paisagens mortas, entretanto, vi um povo lutar por sua liberdade, *todavía sin efecto*. Passei por Guanajuato *la mas cerventina de toas, entonces* me servi deste prato feito de alegria também. Pensei, por diversas vezes, na comédia humana dos dois e até me conformei com o burro carregando o gordo do Sancho. Se ele amava seu burro poderia amar o meu animal também, eu.

Uma das boas coisas da vida é sentar à soleira da porta, vendo os transeuntes. Pensava, então, sobre mim e meu filho. Me veio a paisagem bíblica do Cristo lanhado nas igrejas do México. O bom Cristo falando: chorai sobre vós e vossos filhos. Acredito ter ele mandado chorar sobre a história humana. Ele, um símbolo entre a utopia romana e a dos levitas. Assim estava



quando meu filho, arquiteto, veio me saudando, sem muito afeto. Abraçou intensamente sua mãe. Entendi sua linguagem. Conversamos sobre a viagem, mas logo se fez o esperado silêncio, rompido pelo esperado.

-- Aqui está o projeto solicitado.

-- Deixe-me ver.

Vi e não gostei, ao perceber a parte que me tocava.

-- Coube a mim a menor parte.

-- Nem tão menor.

-- O suficiente para me desagradar, filho.

O ar tornou-se pesado. Daria para apanhá-lo com as mãos, tão denso estava. Ele avançara além do justo. Forçou minha vontade. Ele já andava na metade de minha idade, querendo sua independência por pressão da sua mulher. Resolvi interromper o silêncio.

-- É uma boa decisão tua saída do emprego, filho?

O “filho” saiu artificial.

Dorotea que a tudo ouvia, saiu do silêncio, perguntando se precisava muito daquela sala. Me caiu o calção. Olhei pra ela, perdendo o chão.

-- Não querida, careço não. É um espaço sem importância.



Nosso filho terá sua autonomia.

-- Também não é assim, pai.

-- Pode ficar com tudo. Amanhã você vai ter o que lhe agrada tanto. É um presente de papai.

-- Não vim aqui pra isso.

-- Esse canto que sobrou me sufocaria. Sei de teu interesse em ajeitar tua vida. Vai firme. Teu pai apenas deseja que estejas bem. Vou falar pro teu irmão a que não se sinta injustiçado. Amanhã farei a transferência da propriedade.

-- Não se preocupe pai, vou pagar a parte solicitada. Tenho um valor disponível.

-- Está bem, rapaz.

Como sou, por princípio, de aceitar, de boa vontade, o momento triste, ainda que contrária ao desejo, pensei: que se perca uma sala mas não o guri. Me doía o corpo, porém. Ainda que não falasse, Afonso percebeu a mudança de meu espírito. Perdi, por perdido e meio. Sorri alegremente pela doação, o tanto quanto meus olhos deixavam. A vontade se impunha solene sobre o desejo de renovar minha vida profissional. Muitos meses se passaram e rapidamente ele conseguiu sucesso profissional em minha sala. Enquanto ele progredia eu...





## Repartiram suas vestes entre si

Recebi elogios de minha mulher.

-- Maravilhosa tua atitude.

-- Por certo, mas meu dinheiro está acabando. Você vai me ajudar com outra sala?

-- Gastei muito no México, bem.

-- Que quer que eu faça? Então não reforçasse a solicitação do Afonso. Me deixou sem saída. Se não desse a sala, ficaria como um pai sem alma.

-- Por que não aceitou a parte que lhe tocava?

Não tinha parte que me tocasse. Tudo me pertencia.

-- Falo da parte desenhada.

-- Você viu o que me sobraria?

-- Não.



-- Um canto sem janela. Um sufoco!

-- Esta semana conversei com teu ex-aluno, falou sem perceber minha irritação. Disse que as portas do escritório estão abertas.

Pela parte da tarde daquele dia, falei com Anselmo. Não aceitou que desse a sala ao irmão.

-- Não é justo o que foi feito. Eu aqui pagando minhas duras prestações e o meu irmão tendo uma sala gratuita.

-- Isso não vai ficar assim. Vou por no meu testamento a parte da casa que te pertence, mais a diferença da sala.

-- Quero o senhor vivo. Meu sucesso profissional não carece de um pai falecido.

Nos despedimos. Senti, então, a mágoa de Anselmo e toda a extensão da minha.

Fui ter com o advogado Edmundo pra sondar o tamanho das portas abertas, referidas à Dorotea. Foi a pior atitude. Fui recebido com estranheza. Cacilda me olhou, assustada.

-- Deseja algo, Dr. Aquiles?

-- Vim apenas pra me certificar se estão bem e dizer que estou de volta.

-- Soubemos de sua viagem. Estamos bem, mas o serviço mal dá pra nós dois.



As palavras saíram como se dissesse: hoje vai chover. Apareceu Edmundo. A conversa esmoreceu. Desejei sucesso e saí, amargurado.

Me senti nu no meio da rua.





## Fui erguido aos ares

Semelhante ao Vesúvio, eu escondia ondas em chamas, guardadas para o momento oportuno. Tumultos se fechavam calados. De uma quietude soturna. É o seguinte: se escondiam debaixo de rochas, postas para proteção. Lembro por partes. Ao me dirigir para casa depois da indisposição no escritório de Edmundo, senti um peso estranho e rodopiei. Não lembro o acontecido da rua, senão de minhas loucuras em delírio.

Como o próprio Cristo a dizer: meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste? Assim estava vendo o mundo passar, perdido e sem direção. O caminho obscuro de um pesadelo... *Achei-me embrenhado em selva escura.* Voltei-me então para a obscuridade de meus tumultos particulares. Um sentimento de morte me assolava. Tão morto jazia a ponto de não saberem se solicitavam uma ambulância ou um carro fúnebre. Voei, então sobre mim, dividido completamente. Sumiram as figuras de olhares estranhos. Me vi em lugares diferentes. Chorava por perdido e por perdidas coisas mal decifradas em minha



mente. Via a sala entregue ao filho. Os desejos eram livres e indisciplinados. Depois de longas fileiras de álamos, ainda que por mim desconhecidos, lá estavam operando-se em mim nostalgias fundas. De um corredor longo em que passava pronunciavam dores havidas na inconstância e na inoperância de minha vida. Um condenado com vozes pendentes das árvores em ninhos falantes, confabulando sobre possibilidades inconclusas. Não sei por quanto tempo meu espírito vagou nas horas solitárias. Ninguém em meu socorro. Era a própria morte, tamanha a solidão. Ninguém para dizer comigo sobre a infinita inquietude. Não poderia dizer-me claramente, uma vez solitário. Indeterminados sentimentos e pensamentos oníricos por não poder avaliar. Pus meus pés em determinado ponto de minha cidade. Lugar feio, pardacento. Semelhanças com Dante ao entrar no inferno. Por inscrição das leituras, olhei se estaria escrito: deixai aqui toda esperança. Nada encontrei para minha satisfação. Me sentia em exaustão. Precipitaram-se sobre mim pássaros indefinidos, ameaçadores. Pelas vozes semelhantes a papagaios, repetiam: tudo está consumado. Então pensei: quem há de me receber em minha morte? Para ser verdadeiro, disso não duvido, estou narrando os movimentos de minha alma como se fossem retilíneos. Não foi bem assim. Outros movimentos mentais intervinham velozes, como agradáveis tonalidades coloridas ao som de músicas nunca ouvidas. Hoje reflito sobre as cores e os sons e daria meus poucos recursos financeiros para reproduzir as artes envolventes. Assim eram



tais acontecimentos, parecendo ora o céu, ora o inferno. De todos os acontecimentos posso deduzir: andava montado num fluxo contraditório, entretanto, algo me dizia haver perdido a direção de minha vida. Me senti o Cristo querendo retratar o rosto numa toalha para saber quem era. A dimensão do abandono me fazia andar numa colina de caveiras e entre elas estava eu. Não haveria como deixar-me nesse sufoco. Urgia despertar. Ofegava, quando me senti novamente inteiro.

Murmúrio de uma mulher e palavras obscuras de homens:  
vi Dorotea e meus filhos.





## No décimo quinto dia, Aquiles viveu

-- O que deu em ti, homem?, falou Dorotea.

-- Sei lá, consegui falar.

-- Onde estou?

-- Oi, pai, era o Anselmo.

-- Oi, filho.

-- Oi, pai, era o Afonso.

-- Oi, filho.

-- Você está no hospital, falou tensa, Dorotea.

-- Pelos meus sonhos poderia estar em qualquer lugar.

Me sentia extenuado, com um desejo de ir para casa.  
Tentei sair da cama, mas meu corpo era de chumbo.

-- Que merda! O que me aconteceu?

-- Você desmaiou e não voltava. Faz duas semanas que



está aí. Nem os médicos avaliam teu estado. Os exames estão bons. Ficamos aguardando os acontecimentos.

O pior não era o que concebia falar. Um tumulto perambulava dentro, semelhante ao sonho dos quinze dias. Sonhara, então. Não mais agora. Estrugia uma mudança. Voltara dos mortos, me parecia. Não poderia falar. Se dissesse de minhas andanças internas, diriam: o velho enlouqueceu. Voltei-me então para o assunto de minha alma. A necessidade da hora urgia para o lado dos sumos de Deus. E o digo por não encontrar a palavra certa. Havia uma relevância nova e uma nova verdade. Não mais me alimentaria de sonhos financeiros. As gramas e o pé de palmeira teriam suas figuras reconhecidas. Uma comunhão geral das coisas vivas e mortas teria assento preferencial. Não ficaria preso em minha casa. Não negaria o amor de Dorotea, porém, não mais seria o sentido absoluto. Fiel seria mesmo porque não mais me apoquentariam tanto os assédios de sentimentos eróticos. Todavia, quem há de saber de toda a complexidade humana? Minha alma se bastaria por enquanto. Não faria meus votos perpétuos de santidade. Ninguém sabe do tamanho da perversidade e dos movimentos que movem a alma. Me conformaria somente ao inusitado. Verifiquei otimamente se não estaria sendo devastado por influências de qualquer transtorno mental. Todos os exames disseram de minha sanidade.

Voltando: ao chegar em casa, duas novidades me chamaram atenção. Afonso realizou uma verdadeira obra de arte



com o quarto dele. Falou: pra compensar, papai! Transformou-o num escritório de bom gosto. Estava em minha casa, podendo atender eventuais demandas jurídicas. Estaria ele com culpa em relação ao meu desassossego espiritual? Nada disso, porém, me assustava. A questão residia em mim. Quem seria eu: em tudo via diferenças em relação ao passado. Rompeu-se em mim o jeito de ser. Não sabia em quem me transformaria. Se a vida se constitui em referências de aprendizados, como lidar com as novas que acresciam dizeres tão diferentes? Como lidar com as conversas cotidianas com minha Dorotea? Suportaria minhas impressões, dissidentes das de outrora? Poderia respeitar o seu modo de ver? Entre o eu que fora e o que estaria por ser agora, poderia ter a prudência de me resolver? Não poderia absolutizar nenhuma nem outra de minhas visões de mundo. Se via minhas ideias mais apuradas, não poderia negar as relações havidas. Prudência seria minha atitude. E se, acaso, não suportaria minha própria divisão? Por vezes me via em sentimentos de amplidão. Imensificava-me. Já não me dava bem com o meio termo. Andava, sem tirar nem pôr, assemelhado ao pensar de um personagem de José Américo de Almeida em *A Bagaceira*:

*Tudo se acasalava numa vivacidade amorosa. As sonoridades eram incessantes, era o ritmo de um grande beijo criador. Na contemplação da natureza, da casa e das lembranças havia renovos de felicidade.*

Pervadia-me uma sensação positiva, sem deixar de haver uma insinuante preocupação. É como se houvesse uma



missão sem ter domínio sobre os acontecimentos. Esperava, porém, cheio de convicção. Não podia me reduzir aos sustos e a qualquer desajuste com Dorotea. É minha companheira. Por certo, melhor que meus claudicantes sentimentos. Suportou minhas inconstâncias e perplexidades. Não me ensimesmava em divagações. Estava pra um ser quase onírico. Não estaria me vendo demais? Não se agitaria em mim uma comoção cerebral pela violência emocional depois das “portas abertas”. O equívoco das palavras é instrumento de confusão e morte. Não seria eu, agora, a me precipitar, causando maiores prejuízos a quem amava? A palavra seria medida, como quem mede a roupa com a qual se veste? Não sairia por aí com novidades extemporâneas? Em tudo há um tempo para acontecer. Se acaso o pensar se adianta no tempo, convém a generosidade pra se ver melhor o que é muito particular. De todo o jeito que for: as circunstâncias reunidas tem muita força. Faria de tudo pra não ofender a minha casa. Se a perdesse me perdia. Mulher, feita Dorotea, foi feita pra ser protegida, e é protetora. O pior em mim: quantas vezes desabei da sã razão?



## No reino de Deus

Constituo um espaço para minhas ações de encantamento: a solidariedade a afirmar nossa origem divina, pois que dividida se maioriza. Igual a uma pobre criatura, tendo o poder de um criador. Me faço forte na interação com tudo, mesmo o vento, as macegas, os frutos e a morte. Nada dispenso, menos ainda um ser pequeno e invisível: a pimenta silvestre, a primeira ameba, os primeiros ácidos com a intenção de ser. O tédio não mais me atinge. A velhice tem alma maior, feita de provocações vindas de ondas longínquas. Transpus meus infernos e não dependo mais de pequenos suspiros. Comungo da simplicidade não mais que um fio de pasto no campo. Um pingo de água no banho me alimenta. Carrego fantasias por verdadeiras, não como fumaça. Minha ambição é o momento e ao longe o som de movimentos agradáveis em torno dos meus e daqueles com quem vou compor meu reino. Meu aprisco contém ovelhas lanudas e lobos de olhares gentis e outros de raivas contidas. Meu temor não é morrer: viver como se a vida se confundisse com a morte. E o dia em que a ameaça for muita, terei coragem de perder a vida



na graça de um amor com pinturas de eternidade? Tampouco os ventos pulverosos em redemoinho sobre os peregrinos vão me afastar da decisão de uma santidade amável, distante dos rebuços da religiosidade cheia de posições absolutas. É da condição humana estes extremos de diferentes transcendências. Isto eu senti. Se for imaginação, ainda assim é realidade. Uma diversão divina, como se astros estivessem comungando em mim. Pequeno, pouco mais que um pó na história, isto é verdade, tendo o poder de se carregar em retratos fiéis tudo que existe: palavras e memórias têm força; à semelhança dos dizeres de Almeida: *tudo se acasala numa vivacidade amorosa, em sons incessantes num ritmo de um beijo criador*. Em tudo uma renovação de felicidades em movimento. Não me atenho somente a esta indizível propriedade de ser em mutação de sentimentos elevados, parecendo anuir com as vontades das montanhas, das árvores, loucas pra sobreviver. É isto mesmo, apreciei as árvores na mata. Não havia tanta bondade entre elas, cada qual estava se servindo numa comunhão lutadora. Os cipós, erva-de-passarinho, imbés se entrelaçam para viver. As bromélias, orquídeas, cactos e muitos outros costumam usar as árvores como mero suporte para obter mais luz. Entretanto, não são ingênuas. São lutadoras. O que dizer, então, da palmeira que se estica toda a ver se sobressai sobre as outras em busca do sol? Bem assim estou eu, levei uma forte prensa por ser sem tanta decisão e agora cá estou suspirando por infinitos, feito as epífitas. Ainda imitarei a mulher de Steinbeck na frase final de



*Vinhas da ira.* Se me morre o homem fraco, ofereço o que tem melhor pra vitalizar quem morre.





## Minha Maria Madalena

Depois de minhas incursões no reino de Deus durante quinze dias, ela me olha com olhares diversos. Tenta ver em mim o homem no qual me transformei. Desconfia de mim. Já confessou:

-- Te vejo como possuído por uma força diferente. Tuas palavras medidas. O teu trabalho começa a frutificar quando te procuram para questões jurídicas. O quarto do filho te fez bem. Te olham como um ouvidor aguçado. Que mistério é esse de ao morrer ficarmos tão sensíveis? Você é um homem ressuscitado?

-- Me veja apenas mais livre, Dorotea.

-- Sei de a liberdade vir do caráter e das circunstâncias. E o teu caráter é outro. E quando retornar o home inconfiável?

-- Deixe-me ser, meu amor, Se te ferir, espero ser melhor.

Durante um sonho, noite seguinte, vi nítida uma cena, provavelmente ampliada pelos desejos dos discípulos. Uma mulher, ainda madrugada, caminha entre as oliveiras



perguntando por seu marido. Dirige-se ao guarda do local, confundindo-o com um jardineiro. Falou claramente. Levaram o corpo de meu Senhor. Diga-me, se sabes, onde o puseram? Ele voltou-se para ela dizendo: Maria. E ela o chamou de mestre.

Dia seguinte narrei meu sonho para Dorotea. Ela se riu toda.

-- Acaso sou eu para ti a Madalena? Acho graça, porque parece te ver assim. Mais um rabino cheio de autonomia. Não parece mais meu marido. Digo isso por todos os sentidos. Antes teu corpo andava quase morto e agora vive. Também sonhei e me via como uma mulher agitada pelo medo. Alguém se aproximou, tendo semelhança ao teu rosto. Ouvi, então, meu nome dito com ternura. Aliás, não é apenas dormindo que te ouço dizer meu nome com nova ternura.

-- Me sinto lisonjeado. Uma coisa, porém, é certa. Não estou assim por meus méritos. O sofrimento me constrangeu e para sobreviver dei um salto, passando a outro extremo de mim.

Passaram-se outros dias mais. Ela a meu lado proporcionava-me novas inspirações. Vi a mulher com uma vitalidade afetiva antes não sentida. A sexualidade possuía uma nova virtude: a intimidade mais solene, mais funda. Não era somente o corpo que se dava. O movimento do amor traduzia a doçura de um vínculo original. Tive desejos de anunciar as ocorrências desbravadas para além de meus méritos.



Era tarde de um domingo quando me vi cercado por amigos. Tomávamos uma cervejinha feita de trigo. Ergui minha taça, porque cerveja boa se toma assim. Era a própria natureza que dizia de sua infinitude na espuma, vermelha clara. Falei de minha experiência dos quinze dias em que me estreitei com a morte. Cederam suas opiniões. Apenas me ouviam, mais bebendo palavras que o delicioso fermento. Então me vem Maria elogiando minhas mudanças auspiciosas. Fez elogios inesperados. Me envergonhava de me distinguir, quando Pedro, um deles, me animou. Não se constranja, se essas coisas te sucedem. Dorotea, então, envolveu-me tendo seus seios tocando minha cabeça. Brincamos ainda sobre as fontes que me atingiam.

Dorotea esteve, mais que todos, cercada de entusiasmo, pondo fim às conversas ao comentar: Estou também aprendendo desta morte em quinze dias. Estou me sentindo como o caquizeiro ao final de outono. Se despe de suas folhas cor de fogo para mostrar os frutos. Assim estou me livrando do supérfluo para ter e dar o principal.

Na despedida dos amigos interessados em formas renovadas de viver, surgiu uma sugestão. Quem sabe formar reuniões para andar melhor, pondo novas forças no tempo de amadurecer? Podemos ser como os caquizeiros.





## Os caquizeiros de Dorotea

Reunidos para propor ações conjuntas imensificar as nossas vidas: planejar, fazer e avaliar os ditos e os feitos é o que mais fazíamos. A alegria era o nosso lema. Produzimos teatro para escolas; criamos um conjunto musical para a expressão de talentos; escritos e leituras aos inclinados para a literatura e exercícios místicos e poesia aos místicos. Havia também, aos generosos, o trabalho de asilo e creches, Tudo o mais se fazia conforme a vontade de pequenos grupos. Celebrávamos com vinho e cerveja nossas pequenas e grandes conquistas. Às mulheres e aos homens cabiam os mesmos ofícios e oficinas.

Consegui, em razão de muita persuasão que a sensibilidade fosse desenvolvida. Não atribuía à minha competência o atributo do magnetismo, pois nada fiz para merecer. Apenas me delicieei nos quinze dias e deles colhi virtudes inesperadas. Minha perícia se desenvolvia à medida de nossas comunicações quase ardentes. Estimulávamos o prazer de cada um. Não aceitávamos os exageros, apesar da ternura com a qual



mostrávamos o exercício da felicidade. A morte era levada em conta tendo-se nela um tratamento como propriedade da vida. Urgia viver como se fôssemos do melhor vinho. E para a bebida de sementes e frutos: nada de exageros, sob pena de se perder a razão e a graça diante dos outros. E por falar em morte, sou de opinião que se dê a ela o seu tempo. Não vale a pena se ocupar da morte em vida. Seremos o que fomos antes de nascer, ou apenas desaparecer como já morremos pra tanta coisa e cansados vamos descansar: que os anos nos deixam como aquele que vai dormir depois de um dia de intensa ocupação. Para a maioria de meus amigos havia uma venturosa convicção: renasceremos para uma transformação menos complicada, semelhante àquela da perfeição espiritual. Os escritores de fé diziam buscar reencarnação.

Tínhamos tudo, seja a raiva, o medo, a tristeza e outras forças como vitais assim como forças da atmosfera: a chuva, o vento, o anoitecer e outros fenômenos. O problema pode estar nas formas inoportunas de suas manifestações. Havia semelhança no pensar de Spinoza, quando afirma: *considerarei as paixões não como vícios da natureza humana, porém, como propriedades que lhe convêm, tanto quanto o calor, o frio, a tempestade e o trovão, convêm à natureza da atmosfera.*

Sobre a alma alguns comungavam com Borges, dizendo que nada mais é nossa alma, além das palavras vindas de longa data, assim também os costumes.



Estimávamos muito a comunicação. Nenhum de nós podia ficar sem avaliar suas ideias, sentimentos e ações. É bem isso o que era entendido por todos. A vida mental se torna um fantasma sem forma se, acaso, não for reconhecida. Tínhamos uma certeza: de preferência o ouvidor fique de olhos atentos e responda, sem grandes conselhos. Apenas esclareça o que o falante quer dizer. Ouvíamos Maria Emília Bottini em sua tese de Doutorado sobre o filme *A Despedida*, no qual analisa a importância da comunicação quando Daigo prepara o corpo de um jovem suicida. Os pais de Tomeo sentem a perda do filho suicida, morte inesperada. Na verdade o pai nunca conseguira aceitar a homossexualidade de Tomeo, necessitando aí no velório a última comunicação. Então nos diz Maria Emília: *Diante da morte as dificuldades já não fazem mais tanto sentido, tornam-se pequenas, são apaziguadas e amenizadas.*





## Um pouco dos homens

Eu ajudei meus filhos no corpo e pouco tive a fazer em suas almas. Mais eles fizeram em suas comunicações, alheias à nossa casa. Se não me apresentar como pai, esquecerei suas lembranças e eles as minhas. Se não escrever nós nos tornaremos desconhecidos. Ficaremos à deriva, como barcos sem GPS. Não saberemos de nossas histórias, perdidos, não sabendo o que dizer uns aos outros: começo de uma solidão irreversível. Sendo assim me dei conta de não nos perder. Convidei-os a jantar, antes que, pronunciado meu nome, meus netos e minhas noras perguntarem a quem se referia. Se renovava minha vida social, como descuidar da vida familiar? Lá fomos Dorotea e eu. O encontro, no início, mostrou-se indiferente, pois tanto tempo fazia de andarmos em barcos diferentes, parecendo não navegarmos no mesmo mar. A esposa de Afonso tornou-se boa mediadora plugando na reciprocidade. Senti na esposa de Anselmo um misto de desilusão em torno de mim e de Dorotea. Disse em claro som estar decepcionada com nossa ausência em torno de seus dois filhos. Na hora mesmo nos penitenciamos.



A sua fala foi austera: acaso somos tão pouco pra não fazermos parte de vocês. Não, Valentina, acontece sofrermos do mal das gerações: interesses diversos nos atraem, falou a sogra. Temia não poder dar conta da pertinente solicitação. Fiz então uma promessa pra não esquecer a comunicação. Ela falou saber de nossas diferenças, incluindo nossa mística.

-- Se vocês não nos querem pela distância, como aprenderemos a sermos melhores. Vocês são os protagonistas de uma nova velhice. Escondendo o mel não tem urso que queira se alimentar.

-- Estás certa, Valentina. Convido a fazeres parte de meu grupo de dança japonesa, falou Dorotea.

Ester, a outra nora, também não nos poupou, se expressou: também amaria fazer parte dessa igreja. Ouço comentários sobre a estranheza do grupo de vocês. Parece haver uma vida mais intensa, na opinião de alguns. Outros dizem estar nascendo uma nova forma de religião.

-- Quanto ao fato de intensificarmos as relações de nosso grupo, parece verdade. Não queremos nos converter numa nova igreja. O padre Severino e duas irmãs fazem parte de nossa comunidade, defendeu-se a sogra.

A esta altura dos acontecimentos percebia que as relações melhoravam, entretanto, os dois marmanjos iam de carona nesta história. Afonso bocejou, demonstrando cansaço.



O silêncio de Anselmo, com seu rosto distante, mostrava indiferença em relação ao jantar. Entrei então em suas profissões e por aí começou a se ver um pouco de paixão. Vi de perto, então, o quanto as relações íntimas de uma família pertencem às mulheres. Isso se assemelha a uma história de um amigo. Conteí então a história pra eles. As mulheres, então silenciaram. Esse amigo meu telefonava seguidamente pra mãe. Sabia por ela como iam os outros irmãos e irmãs. Ao se esgotar a conversa, perguntava, finalmente, de como ia o pai. Está por aí se queixando de dores na coluna. Ele diz que é resultado de tanto carregar peso na agricultura.

-- Não se pode deixar escapar nenhum instante de prazer, de alegria, de humor, falou Dorotea. Sobretudo, não se pode perder nenhuma migalha de amor. Esses instantes nunca vão se repetir. Pode ser que sejam os últimos. Isto eu li de um tal de Araújo. Do livro não lembro mais.

-- Vocês fazem estudos também?, perguntou Ester.

-- Acho que é o que temos de melhor.

Afonso, então, apontou para a hora que se ia adiantada. Terminamos então a fala daquela noite.

Ester, entretanto não deixou de dizer:

-- Não és mais o mesmo Dr. Aquiles! Estás noutro mundo.



-- Estás equivocada. Me dá um abraço pra saber que existo. Ponha a mão no meu peito. Tem um coração muito vivo.

Dorotea e eu, por causa de culpa, renovamos nossa forma de compor a família. Os netos, então, como as pombas de Raimundo começaram a retornar para nossa casa. Pois é, repetia Dorotea. De que adianta querer ganhar os outros se esquecemos de nossa família.



## Tempo de amigos e de inimigos

Não somente os direitos nascem de lutas, mas também o modo simples de viver, ainda que seja pra significar melhor a vida. A nossa comunidade começou a viver dias incômodos. Nada mais fazíamos senão buscar atividades interessantes. Palavras alegres nos animavam. O diabo, porém, sempre anda às soltas. Construímos um espaço lindo para as nossas reuniões maiores e outros anexos menores para diferentes atividades, mas bastou um pequeno desentendimento pra haver um grande tumulto. É verdade, tudo que nos é desconhecido tende a ser desqualificado, para depois se violentar a pessoa ou instituição desqualificada. Bem, assim aconteceu. Estava sendo desenvolvida uma oficina de Arte Erótica. Para apresentação da arte animal sobre a sexualidade, Artêmia trouxe um excerto do livro *A bagaceira* de meu escritor de momento: José Américo de Almeida: *as novilhas núbéis dando-se aos touros patrícios: o bode em libidinagens olfativas, o carneiro gemebundo com o pescoço alongado no lombo da marran pudica*. E aí por diante ia Artêmia, feliz da vida, dizendo a vida natural. Ressaltava os



diferentes ensaios afetivos, antes da conclusão final. A cultura, portanto, detém parte do enlevo erótico, ampliando o poder da natureza. Tudo na maior ingenuidade. Pois não é que um participante entendeu haver provocações às práticas sexuais prolíferas. Como um rastilho, correram notícias de haver práticas sexuais indecorosas em nossa comunidade. Nem ao menos o padre Cícero conseguiu conter as línguas peçonhentas. Por aqueles dias sentíamos, em certas pessoas, uma repulsa ostensiva, pois nos olhavam como perversos cristãos. Fizemos de tudo pra evitar o mal entendido. *Pero el diablo es muy aclarado!* Acho que o Espírito antecipou sua vinda. Metido no meio de todos consegui dizer enfim: a paz esteja convosco. Não fazia mais que imitar ao peregrino de Nazaré. Montamos um curso de espiritualidade. O que me admirou foi a busca por ele. Recebi pessoalmente a matrícula. Muitos jovens buscavam novas perspectivas para aliviar angústias ou certificar-se da transcendência. Rapidamente como fumo desvaneceram-se as nuvens pesadas e estávamos livres para sermos mais. Senti, porém maior perigo rondando nossas iniciativas.



## A santidade e o poder

Quatro anos após o início de nossas atividades sobreveio-nos uma força muito grande. Um ânimo bom! Um estado de alegria emergente nos levava a dizer facilmente as nossas pretensões. Conseguimos nos associar a diversas pessoas desconhecidas, rústicas algumas, esclarecidas outras. Afinal não poderíamos viver incapazes de nos abrir.

Começamos a ter prestígio diante do desenvolvimento de nossas atividades, santas, opinava padre Severino. A extensão dos serviços e da natureza de nossos objetivos correspondia às necessidades de comunicação. Tudo se fazia em diversos projetos para a representação social estivesse de uma estética humana admirável. Eu me alegrava com a largura de boas virtudes. A fé em alta, maior a caridade. Éramos uma comunidade vigorosa e bem falada. Celebrávamos moderadamente os dias alegre. As horas simples se faziam em razões próprias. Não sei por quê havia uma insatisfação muito grande por parte do bispo. Dizia-se da comunidade ser ela irresponsável, pois a maioria confessava



a existência de Jesus como homem divino. De natureza divina, extraordinária, mas não Deus. A força do Espírito Santo provinha da inteligência natural existente na composição do universo, expressando-se muito bem na criação humana. Isso foi dito para causar maior distúrbio e desaprovação de tudo que fazíamos. Pior foi a interferência do poder político. Assim, aos poucos e por influência da Igreja, o ambiente foi perdendo a naturalidade de sua origem.

Preferi não revidar aos que puseram em minha boca palavras sobre a divindade de Cristo e suas múltiplas interpretações. Muito menos, me interessava a forma como decidiram, em Éfeso e em Niceia fazer de Cristo um Deus, o que em nada impedia minha crença na poesia e na verdade cristã. A reciprocidade humana é que cabia em mim, jamais um pacote fechado de dogmas.

Mais uma vez confirmei o quanto o poder inocular veneno, capaz de corromper a originalidade da mensagem de qualquer instituição.

Caí fora. Não me matam por poder.

Minha pistola guerreira andava acovardada, rindo-me de minhas inconstâncias, forçadas ou não. Preferi o comunismo amoroso de minha casa. Já não era mais o mesmo.



## Minha velhice

Ao completar sessenta e dois anos, recebi um convite da minha paróquia pra falar sobre o envelhecimento.

Sem muita convicção em torno de minha pouca ciência, mas sincera, fui falando:

Não meço o meu envelhecimento pela data de minha identidade. Meço por tudo que faço. Apreciei uma cantora num programa de televisão. A apresentadora elogiou o desempenho: admiro a voz pela idade da senhora. Ela respondeu: não canto com minha carteira de identidade, canto com minha voz.

Pois bem, faço o que um amigo meu dizia: não perguntem por minha idade, perguntem pelos meus filhos. Não perguntem quantos anos tenho, perguntem pelo que já realizei. Não perguntem somente pelo que fiz, perguntem pelo que faço. Não me perguntem pelo sofrimento, me perguntem pelas lutas vencidas e perdidas. Não me perguntem tanto de onde eu vim, perguntem para onde eu vou. Não me perguntem se creio em Deus, me perguntem se ele crê em mim. Quero ser um ser



humano confiável. Ainda que esteja sem meus movimentos ágeis, quero que minha alma brilhe nas conversas com os meus. Quero que meus filhos aprendam a envelhecer comigo.

Aprendi que minha vida está presa na vida dos outros e de modo especial com aqueles de minha casa, por isso não envelheço totalmente. Não me calo, por isso eu vivo. A coisa mais triste, não importa a idade, é não ter mais o que dizer e ninguém para ouvir. A árvore velha também vive de seus ramos que frutificam. Sou como Saramago: aprecio ver os jovens e suas forças, os arbustos e as árvores na primavera e, por me identificar com elas, sinto a vida mais intensamente.

A escritora Yourcenar fala em, *A Obra em Negro: Talvez não seja Deus em nossas mãos senão uma pequena chama que nos cabe alimentar e impedir que se apague; talvez sejamos nós o espelho pelo qual Deus se vê.*

Não me perguntem pela onipotência divina. Me perguntem o quanto eu posso ajudá-la.

Não me perguntem por que o mundo anda mal. Me perguntem o quanto eu fiz e faço para estar melhor.

Não me perguntem se tenho sabedoria. Me perguntem, se sei ouvir, compreender e ajudar.

Não me perguntem se sei viver. Me perguntem se estou bem e se os outros estão bem comigo.

Não me perguntem se ajudo na salvação do mundo. Me perguntem se respeito minha casa e a pátria perto de mim.

Não me perguntem se acredito em Cristo. Me perguntem



se suas palavras fazem a diferença em minha vida.

Não me perguntem se amo todo mundo. Me perguntem se sou capaz de me ver nos outros por pior que estejam e sejam.

O que mais você gostaria de dizer para os outros sobre o seu envelhecimento?

Neste momento uma velha senhora levantou-se e continuou a minha parca inspiração.

Aprendi, senhor Aquiles, a provocar a minha felicidade e não a esperar que ela caia do céu. Provoco sentimentos bons em mim e nos outros porque nem sempre a gente está como uma flor. Me pergunto: Se meu fim fosse hoje e os laços se partissem, alguém sentiria minha falta ou louvariam a Deus pela minha ausência?

Veio outra mulher me provocando.

E da morte o que você tem a dizer?

Me permite brincar com ela, senhora Helga, a partir de uma história que aprendi de um bom contador.

Havia um pato feliz. Nadava em lago azul debaixo de um céu azul. Eis que surge uma sombra cheia de rumores e escuros.

-- Quem é que é? Se apresente! Estou com medo, falou o pato.

-- Sou a morte, meu pato. Não se assuste, sempre estive contigo.

A morte se apresentou e não era tão feia quanto pintavam.



Também ela nadou bem jeitosa. Ela estava acostumada a nadar em lagos infinitos.

Foram conversando sobre as gramas e sobre a família dos patos. O pato ficou com receio de apresentar sua família. E se ela se engraçar por um dos meus?

-- Não fique assim, falou a dona morte. Não costumo levar ninguém.

Fizeram até amizade. De andar um dia com a morte, o pato até se esqueceu de sua gente.

A noite chegou e com a noite os dois se puseram a dormir debaixo de uma árvore. A morte, então, se queixou do frio. O pato estendeu suas asas, fazendo a morte dormir, aquecida.

Levantaram-se ao amanhecer. E muitos e muitos dias assim andaram. O pato envelheceu, adoeceu, vindo a falecer. A morte chorou, alisou as penas arrepiadas e levou o pato a um lago grande, muito grande. Depositou o pato morto sobre as ondas. Então a morte falou: Não tenho culpa. São coisas da vida!

Conto também a história de um grande otimista ao encontrar um amigo doente. Este confessava de sua angústia diante do seu estado. O amigo consolou-o dizendo:

-- Não se preocupe. Em tua situação existem muitas alternativas. Existem, ao menos, duas possibilidades: curar-



se ou morrer. Se curar não tem problema algum. Se morrer, também existem duas possibilidades: ir para o céu ou para o inferno. Também, então, não tem motivo para preocupação. Se for para o céu você fica numa boa. Se acaso for para o inferno, também não existe problema.

-- Como não? Pode haver coisa pior?

-- Isso eu não sei, mas que vai encontrar uma porção de amigos, isso vai.

Todos se riram.

De todo jeito que for a morte, não morremos, apenas falecemos, uma vez que continuaremos na vida dos filhos, dos amigos e de todos aqueles por quem passamos deixando nosso jeito de ser.





## Meu lar

Dorotea, minha quase deusa, havia se transformado em mulher companheira. Quando fiquei velho, não tendo mais pra onde ir, fiquei tirando tudo do que tinha. Deixei que me houvesse mais silencioso, mas, ela, por influência da natureza feminina, não podia ficar quieta sem dividir sua agitação interior. Me perguntavam sobre a saudade de minha comunidade. Respondia: sonhei três vezes. Em todos havia um pesadelo. Interpreto como se já fosse tempo de me afastar. A minha quietude se assemelha a de Combaz em seu livro sobre *O Elogio da Idade: Nem o conhecimento de todos os povos da terra, nem mesmo a leitura de milhões de livros poderiam levar mais longe do que a viagem feita à noite, no estreito círculo iluminado por uma lâmpada, quando o espírito se entrega à mera consciência de ser alguém e de estar sozinho*. De todos os fracassos e assombros, nenhum me pesava. Havia em mim uma sombra protetora. Um cansaço bom se avizinhava cada vez mais. Queria me encostar em qualquer árvore pra descansar.



Certa manhã fiquei assombrado: me veio o desejo de ocupar novamente o escritório feito por meu filho. Poderia atender algumas questões jurídicas. De fato, a velhice parece sofrer de duas forças antagônicas: a de expansão e a de retração. Ambas contêm generosidades. Enquanto os jovens carecem muito para tirar a aventura de viver, os idosos pouco, pois carregam imensidões em suas agendas.

O meus exageros residiam, porém, nas conversas com Dorotea. Colhíamos do passado nossas ardências amorosas. Ríamos diante de lembranças. Meus fracassos profissionais foram entendidos positivamente por ela. Uma vez, disse ela: foram dar nos bens espirituais. Quatro anos após o início de nossas atividades, víamos mais pelo divino espírito. Nunca me faltou o pão, ainda que parcas as demandas jurídicas. Não mais me angustiou a pobreza. Meus filhos e netos estavam protegidos. Dorotea parou de insistir a que pudesse ter maior representatividade social. Tinha meu nome apreciado por muitos da comunidade. A elevação dos outros importa, uma vez que não temos como nos ver sem seus olhos. Mesmo sendo poucos aqueles que nos reconheçam, importa serem confiáveis. Cada vez mais as raízes familiares se estendiam em mim.

Mais que Sócrates, ao mandar examinar a vida, Kertétz afirma: *se a existência não se tornar inacreditável não é digna de ser notada*. Mas, de toda a forma, nela parece haver a opressão da história contra as intenções pessoais. Sobre mim o mundo desabou, entretanto, não posso reclamar: foram quinze dias



preparando minha ressurreição. Não creio ser tudo tão ordinário, porquanto o simples pode ser extraordinário. Fico no *Timshel* de Steinbeck: *poderás superar o pecado*. As ambivalências podem ser minimizadas pela atenção bondosa e solidária. Um tico-tico pode se tornar extraordinário quando canta ou saltita sobre a terra. Por outro lado, se as circunstâncias são poderosas, e até injustas, a gente pode se apropriar da boa vontade e tecer certos arranjos que as tornem mais harmoniosas. Um pouco de alucinação não faz mal a ninguém, afinal, de alguma forma, o homem é a medida de todas as coisas; daquelas que são e ainda não são, mas poderão ser. Se a cultura e a natureza nos encurtam, convém esticar o pescoço sobre o muro, esperando que não nos acertem o nariz. É a esperança.





## Minha gente

Todo o dizer merece atenção. As palavras de Cristo foram traduzidas por discípulos em diferentes interpretações. Entendo apenas como verdades alguns princípios fundamentais. Ainda assim passando pelo crivo das circunstâncias. Por isso me delicio com as horas que passam com minhas crenças, filtradas pelos argumentos e pelos dizeres da história. O conhecimento e a verdade nada mais são que a linguagem, mudada pelas descobertas. A alma, então, se alarga em novas orientações.

*Buenas*, vamos voltar para o cotidiano que mais me tem a dizer. Agora já não comungo com tanta gente e não careço de muitos barulhos para me certificar da grandeza das manhãs e da prosperidade das tardes. Meus netos nos visitam e enchem de zoeira a casa. Aprecio seus interesses, mas rapidamente me canso. Louvo a chegada e mais ainda quando vão para suas casas. O Hermeto me agrada mais. É quieto e me olha questionador. Parece haver nele um mistério que quer se manifestar. Perguntou-me da última vez:



-- Como se faz para gente ficar velho?

-- Nada é preciso fazer. A velhice vem sem a gente querer.

-- E se a velhice esquecer de mim, vô?

-- Não tenha preocupação, Hermeto. Ela é mais certa que a claridade quando chega a manhã, respondi. Queres ficar velho também?

-- Quero e muito. Aí não preciso ir para escola.

-- A escola te faz mal?

-- Muito mal.

-- Que mal?

-- É muito chato aprender.

-- Prefere ficar burrinho?

-- Sim!

Saiu de perto. A dois metros, falou:

-- Não diga pro papai o que falei. Ele vai ficar triste.

-- Ele vai ficar triste por não estudar. Aí pensei o quanto dói saber.

Duas semanas após o diálogo, veio Afonso, o pai.

-- O que fez pro meu piá, pra começar a estudar?



-- Conversamos um pouco, mas nem lembro o que foi. Ele perguntou se você ficaria muito triste se ele não estudasse. Disse que sim. Também eu vou ficar muito triste se tiver um neto bobo. Só pra ver, filho, como as palavras produzem efeitos muito além da medida de nossa intenção. Foi uma conversa despreziosa. Mas também significa o quanto você é importante pra ele.

Afonso veio e me abraçou, falando:

-- E o senhor está usando o quarto que lhe preparei?

-- Só um pouco. É que estou com preguiça de voltar a estudar?

Rimos a não mais poder.





## No reino dos céus

No reino dos céus existem muitas moradas. Uma delas é minha casa. Aí minha serenidade tinha vez. Recebia alguns trabalhadores afastados de suas empresas, regateando algum direito imaginário ou não. Atendia com muito respeito a todos os solicitadores, grande parte deles cheios de ressentimentos de onde haviam saído. É isso, então, fui me assegurando: buscam mais a dignidade perdida por não terem sido reconhecidos. Passei, então, a ser respeitado. Estava, de fato, assentado à mão direita do pai dos céus, porquanto tenho o bem estar interior. Providenciava frutas, peras e maçãs frescas, para evitar a protuberância da barriga. Também fazem parte da árvore do conhecimento leituras de ótima espécie, por exemplo, os livros de Marguerite Yourcenar. Dorotea estava bem servida por mim. Buscava enchê-la de reconhecimento. Desse jeito ia dando forma à maneira de um pintor, à sua pintura, e, de um escultor, à sua escultura. Tinha o suficiente instrumento para o ofício de ser gente. Cinzelava as arestas com cuidado, que em tudo o ser humano possui delicadezas.



Recebia os amigos da comunidade. Tirávamos de nosso espírito as lembranças melhores, mas recaíamos quase sempre na infância. De fato, ela é o chão por onde sempre se anda. A austeridade educacional havia feito de nós pessoas confiáveis. Talvez fosse essa austera educação que nos havia deixado menos ternos. Era disso que Dorotea se queixava. Você anda como cavalo de queixo duro, meio difícil de cavalgar. Apreciava as conversas de Felipe, um senhor de fala mansa. As suas façanhas eram ditas de maneira poética. Das pequenas pescarias trazia peixes, e, cada um deles constituía um capítulo semelhante ao peixe do velho e o mar de Hemingwai. Não sei de onde tirava tanto bem estar. Sabia de ele ser um homem carregador de duas tragédias. Perdera um filho e sua esposa. Ele ainda assim repetia: isso não me dá o direito de estragar o ar dos outros.

Maior amizade vinha de alguns clientes. Alguns não recebiam provento algum da demanda, entretanto sabiam-se respeitados pelo interesse demonstrado no atendimento. Daí a minha conclusão de estarem reclamando consideração e não vantagens. Suas dores vinham de não terem sido admirados. Deduzo mais sobre o desejo dos trabalhadores. Tivemos mais de dez mulheres trabalhando em minha casa. Hoje, tenho certeza, algumas delas poderiam ter reclamado algum tempo a mais, não computado. Não o fizeram porque saíam alegres e reconhecidas. Todas elas, após a saída, continuavam recebendo telefonemas de Dorotea. Procurávamos saber de como tocavam suas vidas. Jamais aceitaríamos interpor qualquer passivo. Dessa



verdade mostro parte. Hoje pela manhã, me veio Olívia, a mais interessada por nossa casa. Adorava tudo que aqui fosse realizado como se aqui fosse sua família. Pediu se poderia tomar o café da manhã conosco. A cozinha rescendia ao aroma do café. Mal pusera a boca na xícara, quando vi uma lágrima descendo grossa em sua face.

-- Sabe, dona Dorotea, meus filhos são gente, gente boa!

-- Acho que é o melhor que uma mulher pode ter.

-- É verdade. Acho que me copiaram e eu copiei de vocês.

-- É que você sempre foi muito querida, por isso ficaram assim.

-- Não, seu Aquiles. Estava mais pra bicho que pra gente quando cheguei nesta casa.

-- Não seja injusta contigo, querida Olívia.

-- Eu sempre me esforcei muito. Tinha muita raiva em mim. O seu jeito de me ajudar é que me fez melhor, dona Dorotea. Lembra aquela vez em que num mesmo dia quebrei dois pratos e um cabo de vassoura.

-- Bem lembro.

-- Só pra ver. Foi de propósito. Morria de vergonha de ser assim. A senhora chegou em mim me deu um abraço, pensando que eu apenas estava nervosa. Apertou com amor.



-- Desde aquele dia fiquei melhor. Depois me casei com Antônio. Ele também me ajudou muito. Só pra ver o que não faz o sentimento bom dos outros.

-- É verdade, Olívia, pode ter chovido na tua roça, mas a semente era boa.

Ela então enxugou a face com as costas das mãos.

-- Posso ficar um pouco mais?



## Manhã sem sol

Um violento trovão me despertou. Sonhava estar numa catedral. O canto gregoriano ressoava: *salve Regina mater misericordiae, vita, dulcedo, spes nostra, salve!* Curiosamente o *salve* não significava saudação, sim salvação. As coisas se precipitavam. Antes do canto, figuras dantescas me amassavam durante o sono.

Meu Deus, rezei. Não me faça retornar às minhas polaridades. Os humores me atormentam. Uma espécie de convulsão mental urdiu maldades em meus pensamentos. Os sentimentos cansados de tanto ver a vida. Quando se faz verão, nada estranha o horizonte. Entre um vermelho-escuro vi o que vinha sobre minha casa. Não se fez outra: um pipocar de pedras devastadoras, a atmosfera rugia desesperada. Falei pra Dorotea sobre a convulsão do tempo. Ela olhou com estranheza em minha direção. Chuva, bem. Apenas chuva. Percebi o quanto me distanciava da realidade. Melhor que fiz foi calar. Se o silêncio revela o sábio, revela também o medroso. Era eu. Se pudesse



esconder-me de mim, por certo, o faria. Olhava ao redor como se o mundo pudesse se desmanchar e eu com ele. Via o que não poderia perceber. Minha alma estava quebrada como um prato caído e os cacos ao chão. Era o meu apocalipse. Foi assim que me vi naquele sonho.



## Cristo desceu aos infernos

Narro terríveis acontecimentos, sem, entretanto, negar as vantagens de tais eventos. Viajei à semelhança de Dante em terríveis aventuras. Ele, tendo Virgílio por companhia, eu: em minha apavorante solidão. Saí da imersão dolorosa depois de três dias de intensas visões e narrativas em delírio. Com nuvens de gafanhotos, de violentos animais imaginários e estertores, no dizer posterior de Dorotea, passou-se o tempo de meu inferno. Todavia, devo confessar, não fiquei sem consolação. Ao passar palavras amenas associadas às ideias e visões austeras, tudo se amenizava. Minha sensibilidade concedia poderes impensados.

O sofrer faz parte da condição humana. Se isso é verdade, verdade me parece ser também da mesma condição encontrar meios para fazer dele um caminho bifurcado. O constrangimento terrível pode ser minimizado pela comunicação. Só aqueles que se sentem comprimidos pela dor sem razão ficam sem qualquer sentido. A dor, então, se fecha sobre o sofredor não havendo outra coisa a fazer senão o desejo da morte, pois o silêncio de tudo é melhor que gritos de desespero. Vi diversos sofrimentos. Consolava o que pode consolar uma alma sofredora. Pouco era eu, todavia, não desprezível.

Tanto quanto as dores históricas, me doíam as individuais. Passavam por mim como sombras, figuras dantescas fazendo



chorar sobre as vítimas em busca de alívio. Eu, pasmado, em minha inoperância. Não podia me esconder dos sintomas das inibições, das angústias, dos distúrbios de caráter, das compulsões, dos transtornos de humor e da esquizofrenia. Não posso esquecer aqueles que se apegavam tanto a tudo que é passageiro, castigados com a impropriedade de si mesmos. Andavam sobre as coisas, buscando, com suas quantidades, compensar a sede da simplicidade e da quietude. Contemplavam os seres vivos como se fossem lixo a ser descartado. Um silêncio amargo se impunha na ausência das gentes mais próximas. Então, de um lado a lógica da eficiência, do gerenciamento, do sucesso, e do outro, a falta de singularidade e da alteridade. A ideia da excomunhão aparece para os fracos: pessoas sem lar e sem propriedade, sem trabalho, sem saúde, miseráveis de cima abaixo, doentes, dependentes, desamparados, roubados, injustiçados e vítimas de toda sorte de violência. A grande pergunta era: o que fazer com eles? Do alto de uma árvore de onde mal me suspendia, ouvia os esgares de tantos e tanto. Minhas lágrimas eram a única forma de solidariedade.

Depois vinham as mortes coletivas de soldados e de civis. Mal sabiam de onde vinham as flechas e as espadas que os trespassavam, ora as cargas de tributos, ora a escravidão, ora a morte gratuita: em tudo mais gritos de dor, sem falar das mulheres mutiladas pela dominação. Não foi Herodes que excluiu, pela morte, os meninos, ao saber de um rei que viria salvar? Mais uma vez não me escapa a certeza que somente a



solidariedade poderá reverter o fracasso dos povos. Foi o meu pensamento, entre os corpos mutilados. Minha bênção pouco resolvia. Pobre de mim do alto de uma árvore, querendo redimir o sofrimento.

Vieram depois aqueles da dignidade pela qual deram suas vidas. Quantos negros, velhos e mulheres deram toda a vida em busca do direito à igualdade?

Dores ainda me perseguiram ao ver igrejas e santos em chamas: a guerra entre católicos e protestantes nos anos de 1500. Voltei ao tempo dessas atrocidades. Bem a gosto dos escritos de Yourcenar: *recomeçaram os suplícios, agora decretados pela autoridade legitimamente constituída e igualmente aprovados pelo papa e por Lutero. Os miseráveis em farrapos, macilentos, com as gengivas gangrenadas pela fome, davam aos bem-nutridos cavaleiros germânicos a impressão de vermes asquerosos que seria simples e correto esmagar.* Falei a todos: malditas ideias absolutas. Em seu nome morre o justo e o divino.





## Amanheceu

Levantei tomando uma perna após a outra, tamanho o esforço necessário. O sonho foi se reconstituindo aos pedaços, concedendo certa ordem na desordem do desespero. Trôpego, fui ao banheiro. Me assustei por ter precisamente aquele rosto: de um homem triste. Me desculpei. Pelos pecados do sonho. Sabia o certo: cansado de andar. Se morresse nada sentiria. Dorotea veio por trás. Terna, me abraçou.

-- Pensei que te enxergaria morto ainda hoje.

-- To tão mal assim, querida.

-- Três dias de gemidos, é pouco?

-- Foi tanto?

-- Foi.

-- Puts, sou um homem inconfiável.

-- Não é o que penso.



-- Assim me pareço.

Me sentia tolo, inconstante e sonhador de quimeras e de sofrimentos. Nítidos de piedade eram os olhos dela. Conduziu-me até à cama. Semelhante a não existir estava eu. Era suave. Vieram os filhos a ver o meu estado. Sorri contente por vê-los. Depois parecia ascender, não sabendo, como um navegador, o grau da deriva.

Outro dia, levantei-me, mais inconstante e mais devagar que de costume. De todo jeito que fosse, fazia o que a natureza, os costumes e a razão deixavam. Sem uma medida exata.

Me sentia mais forte. Dorotea ao meu lado ainda preocupada. Ri de um riso matreiro.

-- Qual é a graça, meu homem?

-- Saí do inferno e te vejo como Dante viu Beatriz.

-- Tanto assim?

-- Sabe, Doro, só fui constante pra ti!

-- Tem certeza?







Catálogo do Projeto Passo Fundo  
[www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)

Aquiles, o inconstante revela um homem em constante conflito em sua existência familiar e profissional. A narrativa torna-se densa de momentos de angústia tanto de origem pessoal como social. Momentos de ternura geográfica, histórica e pessoal vão se prestando a revelar lugares e pessoas extraordinárias. Não há como não se dobrar à virtude da compaixão diante de um homem com caráter denso e frágil. Família, casamento, trabalho, amizade, sonhos se entrelaçam compondo uma história que avança em busca de um melhor destino. O autor revela um tempo que se desmancha. O leitor é tocado de diferentes maneiras à medida que Aquiles e sua esposa Dorotea envelhecem sem terem as melhores respostas. Ela, companheira, ele, entre decisões e indecisões tentam até o fim serem convincentes em suas responsabilidades, mas os desejos não são suficientes quando a vontade é pouca. O leitor poderá se ver na humanidade dos momentos e avaliar o quanto é complexo o viver nos tempos em que as verdades absolutas se diluem e a violência anda dentro de casa.

Aquiles, o inconstante carrega a alegria e a dor de nosso tempo. Nada mais se segura e pouca coisa é permanente. A companheira Dorotea, presente divino, segura a casa de pé, ainda que os ventos soprem violentos de todos os lados. Ela luta bravamente para segurar promessas e aliviar a austeridade do seu tempo. Aquiles, vulnerável do calcanhar à cabeça, busca, apesar de tudo, encontrar um porto seguro, que o mar não está pra peixe.



Portal

**Domínio Público**

Biblioteca digital desenvolvida em software livre.



Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura